



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DO AMAZONAS

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA CENTRO DE
ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ - CEST**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS**

DEIZE MARTINS FRANÇA

**O EMPODERAMENTO DAS MULHERES RIBEIRINHAS POR MEIO DO
INGRESSO NA UNIVERSIDADE EM TEFÉ**

TEFÉ/AM

2024



UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA
DO ESTADO DO AMAZONAS

DEIZE MARTINS FRANÇA

O EMPODERAMENTO DAS MULHERES RIBEIRINHAS POR MEIO DO INGRESSO NA UNIVERSIDADE EM TEFÉ

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação

Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA.

Área de concentração: Teoria, História e Crítica da Cultura.

Linha de pesquisa: Linha 1 - Capital Imaterial: produção e circulação de saberes

Orientadora: Profa. Dra. Nelissa Peralta Bezerra

TEFÉ/AM

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

F814oe França, Deize Martins
O empoderamento das mulheres ribeirinhas por meio
do ingresso na universidade em Tefé / Deize Martins
França. Manaus : [s.n], 2024.
96 f.: color.; 29 cm.

Dissertação - PGSS - Mestrado Interdisciplinar em
Ciências Humanas (Mestrado) - Universidade do Estado
do Amazonas, Manaus, 2024.

Inclui bibliografia

Orientador: Bezerra Nelissa Peralta

1. Mulheres ribeirinhas. 2. Educação acadêmica. 3.
Empoderamento feminino. I. Bezerra Nelissa Peralta
(Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. O
empoderamento das mulheres ribeirinhas por meio do
ingresso na universidade em Tefé

DEIZE MARTINS FRANÇA

**O EMPODERAMENTO DAS MULHERES RIBEIRINHAS POR MEIO DO
INGRESSO NA UNIVERSIDADE EM TEFÉ**

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito para obtenção do título de Mestra em Ciências Humanas pela Universidade do Estado do Amazonas UEA. Avaliada no dia 15 de setembro de 2023 pela seguinte banca examinadora:

Dissertação defendida e aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Nelissa Peralta Bezerra – Universidade do Estado do Amazonas
(UEA) – PPGICH (Presidente da Banca)

Prof.^a. Dra. Marília de Jesus da Silva e Sousa – Universidade do Estado do Amazonas
(UEA) – PPGICH (Membro Interno)

Prof.^a. Dra. Patrícia da Silva Santos - Universidade Federal do Pará (UFPA) – PPGSA
(Membro externo)

Prof.^a Dr.^a Gimima Beatriz Melo da Silva – Universidade do Estado do Amazonas
(UEA) – PPGICH (Suplente Interno)

Prof. Dr. Luís Fernando Cardoso e Cardoso- Universidade do Estado do Pará (UFPA)-
PPGCP (Suplente Externo)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a DEUS, que me sustentou até aqui, sem sua mão piedosa eu nada seria. Dedico a minha mãe, Delcy Martins, mulher exemplar, batalhadora e que tem sido minha mão direita nesse processo de aprendizagem. A meus filhos, Davi Emanuel e Dávila Melissa, que são o motivo maior para eu continuar e lutar arduamente e diariamente para ser uma mulher e mãe melhor, ao meu irmão Emanoel Diego pelo apoio, meus professores e incentivadores, que foram meu alicerce e exemplo, a quem devo muito e sou grata por tudo, em especial a professora Rita de Cássia Eutrópio (*in memoria*), Feliciano Cândido Parente (*in memoria*), Cláudio de Oliveira Santos e Monica Dias de Araújo. Aos meus colegas de longas datas e mais recentes, em especial as colaboradoras dessa pesquisa. Aos meus pastores que oraram e intercederam por mim, minha gratidão eterna e minha querida tia Lurdes Marques, minha segunda mãe na terra e intercessora, obrigada por cada oração, a meu fiel amigo e parceiro de longa data Getúlio Faustino Filho, muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, meu Senhor e Salvador, sem Ele eu nada seria.

Agradeço a minha família, minha mãe que me criou e me ensinou a ter um bom caráter, a ser honesta, a me superar cada dia, a meus filhos, é por vocês que luto diariamente e

me fortaleço, a meu irmão Diego por me dar forças sempre que precisei, ao meu fiel amigo Getúlio, por tudo, você é um ser humano incrível.

Aos meus professores, minha profunda gratidão, rogo a Deus por ser ao menos a metade do que cada um foi e representou para mim, é por vocês que estou aqui, são seus exemplos que quero seguir e ser um dia, uma professora de excelência.

Aos meus pastores e líderes, gratidão pelas orações e fortalecimento de minha fé, sei que cada um orou e intercedeu por minha vida, meus sonhos, minhas metas e principalmente por meus medos, gratidão sempre.

A minha orientadora, por cada minuto de conversa, conselho e dedicação, que Deus abençoe a sua vida hoje e sempre.

As interlocutoras da pesquisa, meus maiores exemplos de luta, garra e dedicação, vocês são mulheres maravilhosas e guerreiras, sou grata pela convivência com cada uma.

EPÍGRAFE

“A educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

Esta dissertação tem por finalidade, analisar o papel da Universidade na vida de mulheres ribeirinhas e como elas tornaram essa educação um meio para melhorar suas vidas e, conseqüentemente, empoderar-se como mulher, por meio da educação. Essa dissertação se constitui em uma pesquisa de abordagem qualitativa, com estudo de caso, com a participação da Universidade do Estado do Amazonas, do Centro de Estudos Superiores de Tefé, de mulheres ribeirinhas que tiveram sua passagem pela Universidade e que levaram novos conhecimentos e colaboração às suas comunidades. Para o estudo de caso, teve como participação quatro mulheres, atualmente graduadas e professoras da rede municipal de ensino, em que o propósito maior foi mostrar sua trajetória de aprendizagem, tanto na Universidade, quanto no dia a dia em sua comunidade, desde a infância até os dias atuais, por meio de entrevistas abertas, apresentando a história de vida das mulheres mostrando sua realidade desde a infância na comunidade, seus aprendizados, trabalhos e estrutura familiar, o segundo é mostrar as contribuições da Universidade para a comunidade e em específico as interlocutoras da pesquisa e por último, mostrar as conquistas dessas mulheres através de sua formação acadêmica. Para esse estudo, norteamos os aspectos teóricos a partir de contribuições de autores como: Geertz (1989), Bourdieu (2007), Freire (2003), Woortman (2010), Joice Berth (2019). Neste estudo, foi possível compreender como a formação acadêmica possibilitou às mulheres ribeirinhas, deste trabalho em específico, a mudarem de vida por meio da educação. O estudo mostra também como as políticas públicas são fundamentais para a permanência das mulheres ribeirinhas na Universidade.

Palavras-Chaves: mulheres ribeirinhas, educação acadêmica, empoderamento feminino.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the role of the University in the lives of riverside women and how they made this education a means to improve their lives and, consequently, empower themselves as women, through education. This dissertation consists of qualitative research, with a case study, with the participation of the University of the State of Amazonas, the Centro de Estudos Superior de Tefé, riverside women who had their time at the University and who brought new knowledge and collaboration to their communities. For the case study, four women participated, currently graduates and teachers in the municipal education network, in which the main purpose was to show their learning trajectory, both at the university and in everyday life in their community, since childhood. to the present day, through semi-structured interviews, presenting the following aspects: the first is the presentation of these women, showing their reality since childhood in the community, their learning, work and family structure, the second is showing the contributions of university to the community and specifically the research interlocutors and finally, to show the achievements of these women through their academic training. For this study, we guided the theoretical aspects based on contributions from authors such as: Geertz (1989), Bourdieu (2007), Freire (2003), Woortman (2010), Joice Berth (2019). In this study, it was possible to understand how academic training enabled riverside women, in this specific work, to change their lives through education, understanding but highlighting that public policies are essential for their permanence at University. flawed for this public.

Keywords: riverside women, academic education, female empowerment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Chegada a uma das comunidades onde reside uma das interlocutoras desta pesquisa.

Figura 2- Ações ocorridas na comunidade, recebimento de livros para a biblioteca local.

Figura 3- Mapa geográfico do Estado do Amazonas.

Figura 4- Mapa geográfico do Estado do Amazonas, em destaque o município de Tefé.

Figura 5- Frente do município de Tefé/AM.

Figura 6- Ramal que interliga a Estrada da Agrovila a comunidade do Bacuri.

Figura 7- Escola de uma das comunidades em alusão ao Dia das Crianças.

Figura 8- Escola de uma das comunidades pesquisadas.

Figura 9- Interlocutora manejando seu motor rabeta para a locomoção entre a comunidade e a cidade.

Figura 10- Saberes compartilhados em uma das comunidades pesquisadas.

Figura 11- Comunidade Ribeirinha pesquisada.

Figura 12- Produtos produzidos e consumidos nas comunidades, também sendo fonte de renda a comunidade.

Figura 13- Canoas, fonte de renda, no escoamento dos produtos, na pesca e no transporte de mulheres e homens na comunidade.

Figura 14- Defesa de graduação de uma das interlocutoras, um sonho concretizado.

Figura 15- Interlocutora dando continuidade aos seus estudos. Mestranda em Educação pela universidade paraguaia de São Carlos.

Figura 16- Inauguração da Universidade do Estado do Amazonas, em Tefé, no ano de 2001.

Figura 17- Centro de Estudos Superior de Tefé vista do alto.

Figura 18- Interior do prédio do Centro de Estudos Superior de Tefé.

Figura 19- Inauguração da sala de acolhimento das crianças (IANE), para os filhos dos acadêmicos.

Figura 20- Centro de Estudos Superior de Tefé, CEST/UEA.

Figura 21- Comunidade da Barreira da Missão, no Lago de Tefé, onde a Igreja Católica iniciou seus trabalhos religiosos e educacionais no município de Tefé.

Figura 22- Imagem da seca do ano de 2023, ocorrida no município de Tefé.

Figura 23- Interlocutora chegando à cidade para mais um dia de aula no Centro de Estudos Superior de Tefé, CEST/UEA, se utilizando do meio fluvial como transporte.

Figura 24- Interlocutora em seu espaço de trabalho, gerando um novo ciclo de aprendizado para as futuras gerações.

LISTA DE SIGLAS

AM- Amazonas

UEA- Universidade do Estado do Amazonas

INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anízio Teixeira

BPC- Benefício de Prestação Continuada

EJA- Educação de Jovens e Adultos

IDAM- Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UFAM- Universidade Federal do Amazonas

SECTI- Secretaria do Estado de Ciências, Tecnologias e Inovação

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUS- Sistema Único de Saúde

MEB- Movimento de Educação de Base

CNBB- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

SEDUC- Secretaria Estadual de Educação

SEMECC: Secretaria municipal de Educação e Esportes

OAB: Ordem dos Advogados do Brasil

CPD- Centro de Processamento de Dados

PMT- Prefeitura Municipal de Tefé

PROFORMAR- Programa de Formação e Valorização de Profissionais de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: MULHERES RIBEIRINHAS: CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E ACADÊMICOS	13
METODOLOGIA	19
1.1. Relações de Gênero no modo de vida ribeirinho.....	29
CAPÍTULO II: A UNIVERSIDADE NO AMAZONAS E EM TEFÉ	49
CAPÍTULO III: MULHERES RIBEIRINHAS DE TEFÉ E SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA	65
3.1. A formação acadêmica e os caminhos educacionais percorridos pelas mulheres.....	66
3.2. Caminhos e trajetórias: da infância no roçado à universidade, da enxada a caneta.....	70
3.3. Aprendizados: da terra para a vida.....	73
3.4. A influência da Universidade na formação da mulher ribeirinha.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	85

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi elaborado com intuito de investigar sobre a importância da Universidade do Estado do Amazonas, do Centro de Estudos Superior de Tefé, na cidade de Tefé/AM para mulheres moradoras de comunidades ribeirinhas e que buscaram por formação acadêmica na instituição. A hipótese norteadora do trabalho foi que estas mulheres encontram na universidade um espaço de aprendizado, acolhimento e empoderamento.

A Universidade, como espaço de aprendizado, tem potencial de apresentar um olhar diferente sobre o mundo, agregando novos conhecimentos ou mesmo, como espaço democrático, oportunizando essas mulheres a trazerem os conhecimentos prévios de suas vivências e experiências para dentro da universidade. Fazendo, assim, com que o ensino e a aprendizagem sejam mais significativos para ela e conseqüentemente, para sua comunidade. Entendemos que o aprender se dá no coletivo, nos múltiplos saberes que levamos no decorrer de nossa vida e da forma em que esses conhecimentos são utilizados para benefício próprio ou da comunidade em que cada uma vive.

Essa pesquisa contribuiu para mostrar como os conhecimentos acadêmicos e populares podem se unir para que mulheres ribeirinhas atuem como agentes transformadoras das realidades de sua comunidade. Historicamente, muitas dessas mulheres viam-se apenas como mão de obra, “ajudantes” do lar. Hoje muitas são protagonistas de sua história, exemplos para outras mulheres, que, assim como aquelas que tiveram a experiência universitária, abriram caminho para que outras mulheres vissem que é possível sim, ser acadêmica, mulher forte, mulher de luta, mulher ribeirinha, valente e construtora de novos ideais.

Esse trabalho em particular, se iniciou a partir das experiências vivenciadas nos anos entre 2016 a 2021, quando foi possível a convivência com as interlocutoras da pesquisa no decorrer da graduação. Durante o período, observei e presenciei a forma como as mulheres vindas de comunidades ribeirinhas eram determinadas, que tinham uma visão de mundo e das coisas aparentemente diferentes das demais que viviam na cidade, pois enfrentavam várias adversidades no trajeto de sua comunidade até a Universidade, enfrentavam riscos, como a travessia no Lago de Tefé em dias chuvosos, quando o risco de alagamento de suas embarcações era grande. Além disso, enfrentaram as cheias e as secas dos rios, cada período apresentando diferentes dificuldades que se dão entre as enchentes e vazantes, e dependendo dele, os riscos aumentavam consideravelmente.

Me parecia que, para essas mulheres, as dificuldades as impulsionavam a ir adiante, a enfrentar os desafios, a vencer seus medos. Muitas esbarraram em diversas barreiras, que vão do impedimento por parte afetiva, outras por questões financeiras e falta de políticas públicas para permanência na Universidade.

As mulheres, em especial as produtoras ribeirinhas, passaram por longos anos de apagamento histórico, sendo silenciadas, até então, para a comunidade e na academia, consequentemente. A pesquisa intitulada, *O empoderamento das mulheres ribeirinhas por meio do ingresso na universidade em Tefé*, tem como objetivo investigar como mulheres, que tiveram formação acadêmica, agregaram conhecimento, empoderando-se para sua melhoria de condições de vida e como esses saberes, além de as empoderar, também beneficiaram a comunidade em que vivem.

Ou seja, foi investigado o papel da formação acadêmica universitária no processo de empoderamento de mulheres ribeirinhas, moradoras da região do lago Tefé e quais as consequências desse processo para a comunidade, para outras mulheres e para as relações entre gêneros.

A dissertação se dividiu em três capítulos. No primeiro capítulo teremos a apresentação dos conceitos de empoderamento, dos conhecimentos tradicionais e acadêmicos e tratou de descrever o modo de vida ribeirinho e suas relações entre gêneros.

O segundo capítulo apresenta, apoiado na literatura, o papel da universidade nos processos históricos de empoderamento. O último capítulo tratou de apresentar os resultados da pesquisa referentes aos efeitos e consequências do ingresso da universidade no processo de empoderamento das mulheres ribeirinhas em suas várias dimensões.

CAPÍTULO I: MULHERES RIBEIRINHAS E OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS E ACADÊMICOS

As pessoas que residem nas comunidades existentes no médio Solimões, em particular, em comunidades ribeirinhas na cidade de Tefé, apresentam nas suas rotinas características comuns, tais como: o despertar na madrugada, a ida ao roçado, ao trabalho na roça e trabalho doméstico. E essa rotina, que está entrelaçada com as relações, sejam familiares ou nas práticas

de trabalho coletivas, também denominadas *ajuris*¹, traz consigo uma simbologia, um chamamento por sua ancestralidade e aprendizados que se deram ao longo do tempo.

Este trabalho, apresentou uma visão sobre as mulheres ribeirinhas e como os aprendizados desenvolvidos no âmbito da Universidade do Estado do Amazonas- UEA, do Centro de Estudos Superiores de Tefé-CEST, têm potencial de ampliar seu olhar sobre as noções cognitivas, psicológica, política, econômica, social e de mundo. Nesse contexto, as mulheres ribeirinhas apresentam uma conexão entre seus saberes e aqueles conhecimentos acadêmicos, fazendo com seu aprendizado esteja relacionado diretamente com esses elementos, possivelmente promovendo uma troca de conhecimento entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos tradicionais.

Os elementos naturais, a terra, os rios, os animais e a floresta que essas mulheres utilizam, juntamente com os conhecimentos adquiridos na universidade fazem com que seu aprendizado seja ampliado e disseminado.

Essa troca de saberes amplia diálogos, cria novas expectativas para o futuro, além de trazer experiência de vivência de outras mulheres para sua formação e instigar outras mulheres a buscarem também por formação e ampliação de conhecimento, ou o inverso, pois o que se é aprendido dentro da Universidade também é posto em prática no cotidiano dessas mulheres e o que se sabe de cultura tradicional de cultivo e manejo hoje dentro das Universidades são os comunitários que introduzem nesses espaços, através de rodas de conversas, estudos ampliados, conferências em que pautam esses saberes como um modo de vida e de resgate cultural, que por vezes sofreu apagamento, principalmente com a vinda da tecnologia e outros mecanismos.

¹ Mutirão de mobilização coletivo, feito por uma comunidade ou grupos de pessoas. O *ajuri* é uma prática, segundo Fraxe (2000) social assaz, antiga na Amazônia, pois trata-se de um meio de organização do trabalho em grupo em que mobiliza várias pessoas para ajudar uma família, uma pessoa em específico ou uma comunidade inteira que não tem meios de custear um determinado trabalho, ou mesmo pensando no beneficiamento da comunidade de forma geral.

Figura 1: Chegada à comunidade do Bacuri



Fonte: pesquisadora

Como aponta Freire (2005), é por meio dessa realidade concretizada no dia a dia, dentro de sua comunidade (figura 1) que acontece o processo coletivo do saber, em que se há um aprendizado mútuo dentro das interações entre seres humanos, saberes e natureza. Estar ambientado, torna o processo de aprendizado mais significativo, portanto, dando a mulher uma amplificação de conhecimento e por consequência, poder para promover as mudanças que ela julga serem necessárias em sua vida.

As questões de conhecimento, aprendizado e troca, sempre se deram no meio feminino, isso é histórico, visto a luta constante de mulheres por adquirir voz em um meio que outrora fora silenciado. Segundo Woortman (2010, p.14) “mesmo que os estudos de gênero e geração no universo rural ainda não tenham se consolidado plenamente, algumas iniciativas contribuem para sua visibilização enquanto área específica de estudos e de empoderamento das próprias mulheres rurais”.

Este trabalho apresentou questões inerentes ao processo chamado de empoderamento. Compreendemos o conceito de empoderamento a partir da leitura de Joice Berth (2019) que, adotando uma perspectiva feminista interseccional, destaca as concepções de diversos

intelectuais, dentre eles Paulo Freire, que nos ajuda a compreender o empoderamento, de maneira mais ampla, enquanto prática de transformação não somente subjetiva, mas também de caráter coletivo.

O empoderamento, segundo esta perspectiva interseccional, se trata de uma postura de enfrentamento da opressão para eliminação da situação injusta e pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto (Berth, 2019). Batiwala afirma que o termo empoderamento está associado a diversas atividades, desde a assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletivas, que têm como objetivo questionar as bases das relações de poder. O empoderamento começa quando grupos subalternos não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, mas agem no sentido de mudar as relações de poder existentes (1994, p. 130).

Partindo desse pressuposto de empoderamento como forma de resistência coletiva e individual às opressões, Stromquist (2002, p.232) afirma que existem quatro dimensões de empoderamento. São elas a dimensão cognitiva, (o desenvolvimento de uma visão crítica da realidade), a dimensão psicológica (como um sentimento de autoestima e de auto validação), a dimensão política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar) e, por último, mas não menos importante, a dimensão econômica, por exemplo, a capacidade de obter renda de forma independente.

Para as mulheres, do ponto de vista individual, ter poder pode ser visto como libertarse de algumas amarras, preconceitos, abusos e conflitos. Ter liberdade de escolha, de ir e poder voltar, é a tomada de decisão sobre si, seus corpos, suas escolhas, sem interferências de outros ou mesmo aceitação de outro. Recentemente, esse tópico vem sendo muito levantado em pautas, em geral, por mulheres que tiveram por anos seus desejos anulados em razão da vontade de outros.

Econômica e socialmente falando, atualmente a mulher passou a ter mais visibilidade na sociedade, sendo provedora do lar, a que busca por novas oportunidades, sejam elas educacionais ou no mercado de trabalho, além de empresas hoje focarem em mulheres para cargos mais elevados, ou oferecendo produtos que outrora eram destinados apenas ao público masculino.

No meio educacional, muito também já foi alcançado para que mulheres pudessem ocupar um espaço nas Universidades ou ocupar cargos que eram historicamente destinados ao

gênero masculino. As mulheres conseguiram reverter o quadro de desigualdade histórica e consolidar uma nova realidade em que são maioria (60%) dos formados entre os mais jovens.

De acordo com um levantamento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) de 2019, 57% dos estudantes matriculados em instituições de ensino superior eram mulheres. Nos cursos de licenciatura, por exemplo, elas ocupam 71,3% das vagas. Nos cursos de bacharelado, esse número é de 54,9%; e nos da área de Saúde e Bem-Estar, elas são 72,1% dos estudantes.

A Universidade tem sido um espaço em que a mulher passa a ampliar sua visão de poder, a se impor, a escolher e levar esses aprendizados aos demais espaços em que está inserida, por meio da educação e os processos de práxis² que essas mulheres passaram e passam.

Nossa análise exploratória mostrou que, cada uma das interlocutoras passou a se perceber de forma diferente, e os conhecimentos vindos da Universidade deram base para essa mudança de olhar e perspectiva sobre o mundo e, em particular, seu poder de articulação nas comunidades, se tornando verdadeiras líderes comunitárias. Na imagem a seguir (Figura 3), podemos perceber a importância que essas mulheres, que já experienciaram a Universidade dão à educação, ao processo educacional e aos instrumentos usados para aquisição de novos conhecimentos. A biblioteca é um espaço que auxilia nesse processo de busca por novos saberes.

² Atividades ou situação concreta que se opõe à teoria, prática. Utilização de uma teoria ou conhecimento de maneira prática

Figura 2: Ações ocorridas nas comunidades, recebimento de livros para a biblioteca local.



Fonte: Arquivo pessoal de uma interlocutora da pesquisa

Esses conhecimentos, segundo Bourdieu (2007, p.651) que diz que é necessário entrar na vivência intensa da experiência, tomá-la como objetivo, ampliando a refletividade, nesse ponto, os lugares de ensino, tal qual a biblioteca (figura 3), foram essenciais para a sua formação e para mudanças na comunidade.

Logo, juntamente com os conhecimentos prévios e os conhecimentos adquiridos no espaço comunitário, a partir das leituras e reuniões, a comunidade pôde se envolver mais com o processo de ensino transformando de forma gradativa, o espaço em que cada uma está inserida, gerando diálogo e reflexões, em que se pensam não somente no adquirir e transmitir conhecimento, mas como esse conhecimento pode promover mudanças dentro da comunidade por meio de ações políticas, que beneficiem sobretudo, outras mulheres, e que elas possam gozar de voz e vez, nas escolhas em prol de mudanças pessoais e coletivas.

As mulheres ribeirinhas, em geral são pescadoras, agricultoras, artesãs e extrativistas que fazem da terra e do seu trabalho o principal meio de subsistência. Porém, ao adentrar na Universidade, elas passam a ter a oportunidade, por meio de sua formação acadêmica, de

outras formas de trabalho, como lecionar e administrar, por exemplo, fazendo que ambos os conhecimentos sejam significativos para si e para as pessoas com quem elas convivem.

Adentrar o espaço acadêmico, para muitas não é uma tarefa fácil, visto que as comunidades são relativamente distantes da cidade, como diz Torres (2012), “em que as mulheres agricultoras da Amazônia ribeirinha, especialmente aquelas residentes em comunidades distantes dos centros urbanos, [...] vivem isoladas e submersas no seu mundo de sociabilidade restrita”.

Além do horário em que elas acordam para ir à universidade por vezes se torna maçante, despertar quatro da manhã não é uma tarefa fácil e, sem contar com os riscos que o trajeto até a cidade oferece, devido às mudanças climáticas, a baixa ou alta temporada de chuvas e temporais que essa região apresenta, as ilhas de areias que se formam no período da seca, que fazem com que haja o encalhamento de seus transportes que em geral, são canoas confeccionadas em sua própria comunidade.

Ao chegar no espaço universitário, essas mulheres passam por outros desafios, o custear sua estadia na cidade, sua alimentação, transporte dentro e fora da cidade, compra de materiais para estudo, sem contar o preconceito que algumas sofrem ainda atualmente, em se pensar que quem vem do interior é, por sua vez, detentor de menos conhecimento, como se fosse inferior, ou que seus conhecimentos sobre o meio ribeirinho e educacionais não tivessem importância, anulando seus saberes e sua experiência de vida.

As mulheres ribeirinhas que anteriormente não eram tidas como objeto de estudo, hoje trazem para outros espaços, seus conhecimentos sobre saberes tradicionais e eles vêm sendo alvo de estudos mundo afora, como tema estruturante nos processos de reconhecimento das mulheres ribeirinhas no cenário de pesquisa para muitas instituições de ensino.

Nisso, podemos dizer que a educação, de modo geral, se trata de um elemento em constante mudança e construção, e por esse motivo, se torna importante que esses movimentos, estudos por parte das mulheres ribeirinhas e para as mulheres ribeirinhas sejam estruturados, consolidados e muito bem-organizados.

Ouvir o que essas mulheres têm a nos dizer e ensinar, além de oportunizar, passa a fazer parte de práticas políticas e educacionais que tecem saberes que até então eram silenciados, ocultados ou tidos como não relevantes. A luta dessas mulheres por serem ouvidas não é algo recente, pois as decisões que historicamente eram feitas pelos homens sem a participação das mulheres era uma prática recorrente, e se decidiam sobre suas vidas, seus

direitos, seus corpos, uma violência sem tamanho para a mulher que sempre era diminuída ao papel de subalterna³.

Wagley (1988) diz que a vivência em grupos sociais na Amazônia se dava conforme os preceitos repassados por gerações, e que eram repassados simbolicamente no meio religioso, nos saberes tradicionais. Hoje, porém, esses preceitos vêm se dissolvendo, dando espaço a novas construções e participação mais expressiva das mulheres dentro dos espaços comunitários.

A abordagem acerca deste trabalho trata de questões de feminismo e apresenta as possibilidades de atrelar os conhecimentos adquiridos dentro do espaço universitário, com os conhecimentos tradicionais para benefício de sua comunidade e vida de forma particular. A pesquisa se deu em duas comunidades ribeirinhas na cidade de Tefé, no Estado do Amazonas, sendo elas, a Comunidade do Bacuri e Comunidade do Porto Praia, onde foi feita uma pesquisa de campo e posterior a ela, uma entrevista com as mulheres participantes, de forma colaborativa.

METODOLOGIA

O desenvolvimento deste trabalho se deu por meio de pesquisa de campo, por meio de observação participante, fazendo uso de estratégia de observação e experiências adquiridas no espaço de vivência das mulheres alvo desta pesquisa, com intuito de ouvi-las e observá-las durante reuniões e durante a execução de seus trabalhos. Além disso, suas práxis envolvem outras mulheres para o despertar dentro dos movimentos, fazendo com que elas passem a se perceber como ativas em seu meio, se empoderando também. Pois, o empoderamento feminino é justamente este, dar voz e subsídios para que outras mulheres tenham também o poder de escolha.

O campo de pesquisa foi realizado em comunidades ribeirinhas, localizadas à margem esquerda no Lago de Tefé, zona rural do município no Estado do Amazonas. A primeira comunidade que foi visitada se denomina Comunidade do Bacuri, onde residem duas das interlocutoras, é uma localidade geograficamente perto da cidade de Tefé, organizada as margens do lago, o que facilita de certa forma a locomoção para as áreas urbanas. Ao longo dos anos a comunidade se organizou, escolhendo um líder comunitário que apresenta as

³ Para Spivak (2010), o subalterno é aquele sujeito excluído, que era limitado de se expressar, em diversos contextos.

demandas da cidade e dar voz a comunidade em reuniões no município, junto ao poder público.

A comunidade do Porto Praia, também se localiza no Lago de Tefé, porém mais distante geograficamente, em que duas interlocutoras que colaboraram com a pesquisa, residem e vivem nessa comunidade. Há na comunidade um líder comunitário, um pequeno posto de saúde que atende a comunidade e as demais que estão nas proximidades. A comunidade possui casas de diversos tipos de construções, alvenaria, madeira, flutuante, entre outros.

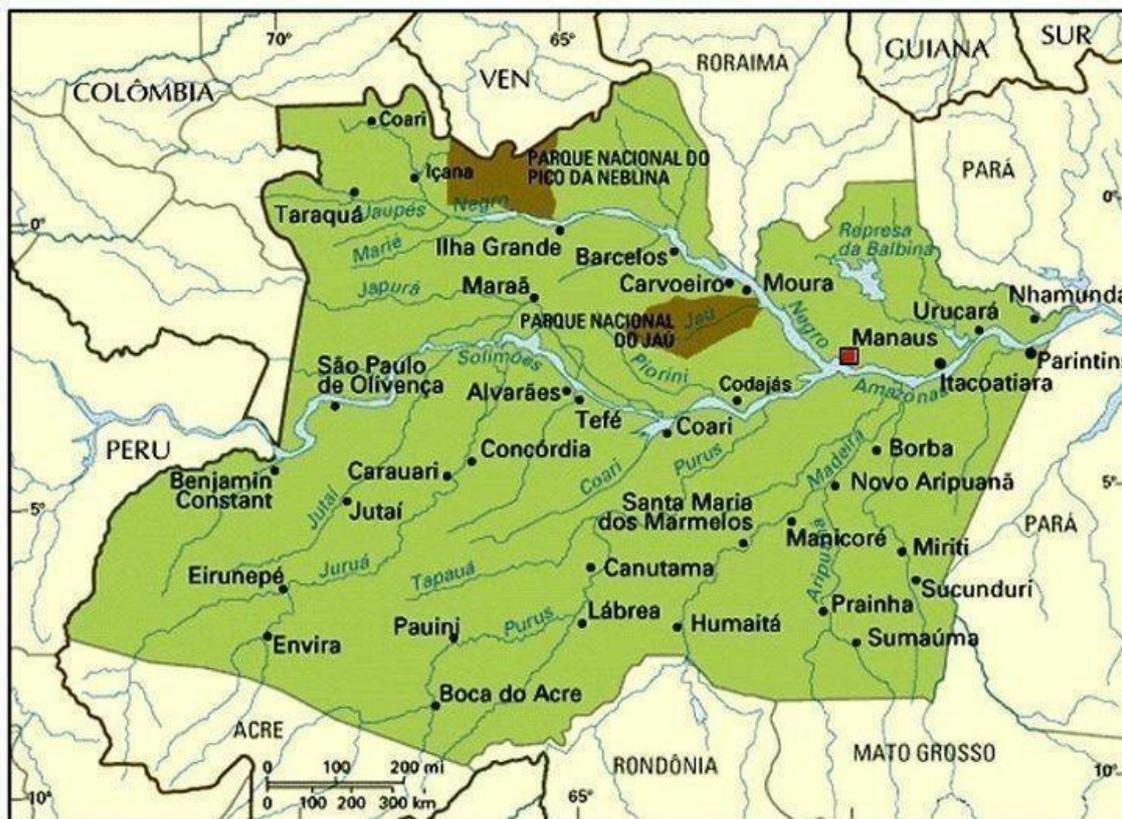
Ambas as comunidades trabalham com o extrativismo, com o plantio, em especial de mandioca, que é a base alimentar amazônica, sendo extraído como produtos, a farinha, a tapioca, a goma e o tucupi. Também as comunidades mencionadas trabalham com a pesca, em sua grande maioria de forma artesanal, sendo atendido pelo defeso, que é o período em que determinada espécie de peixes não podem ser pescados para que haja a reprodução e consequentemente proteja determinadas espécies da extinção, havendo alguns beneficiados do programa de seguro defeso do Governo Federal. Alguns membros da comunidade também praticam a caça artesanal, com o intuito apenas para alimentação de sua família.

Na comunidade do Porto Praia, alguns membros se dedicam a fabricação de biojóias, feitos de materiais recolhidos da mata, como sementes, frutos, cascas, escamas de alguns peixes e penas de algumas aves que são encontrados nos espaços de mata mais fechada, muitas dessas biojóias são vendidas na cidade de Tefé e proximidades, sendo apreciadas também na capital do Estado, outros estados que compõem o território nacional e para o exterior, gerando renda e reconhecimento dos artesãos locais. Há também produção de produtos feitos da fibra de algumas plantas, como a produção de paneiros, cestos, peneiras, tipiti e outros produtos usados, principalmente na produção da farinha.

O Estado do Amazonas⁴ fica localizado no noroeste do Brasil, coberto quase em sua totalidade pela Floresta Tropical Amazônica. A capital Manaus é um porto fluvial com pontos de referência que datam do ciclo da borracha de finais do século XIX. Sendo uma das 27 Unidades Federativas do Brasil, situado na região Norte, sendo o maior estado em extensão territorial, com área de 1.559.167,878 km².

⁴ Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org>

Figura 3: Mapa geográfico do Estado do Amazonas.



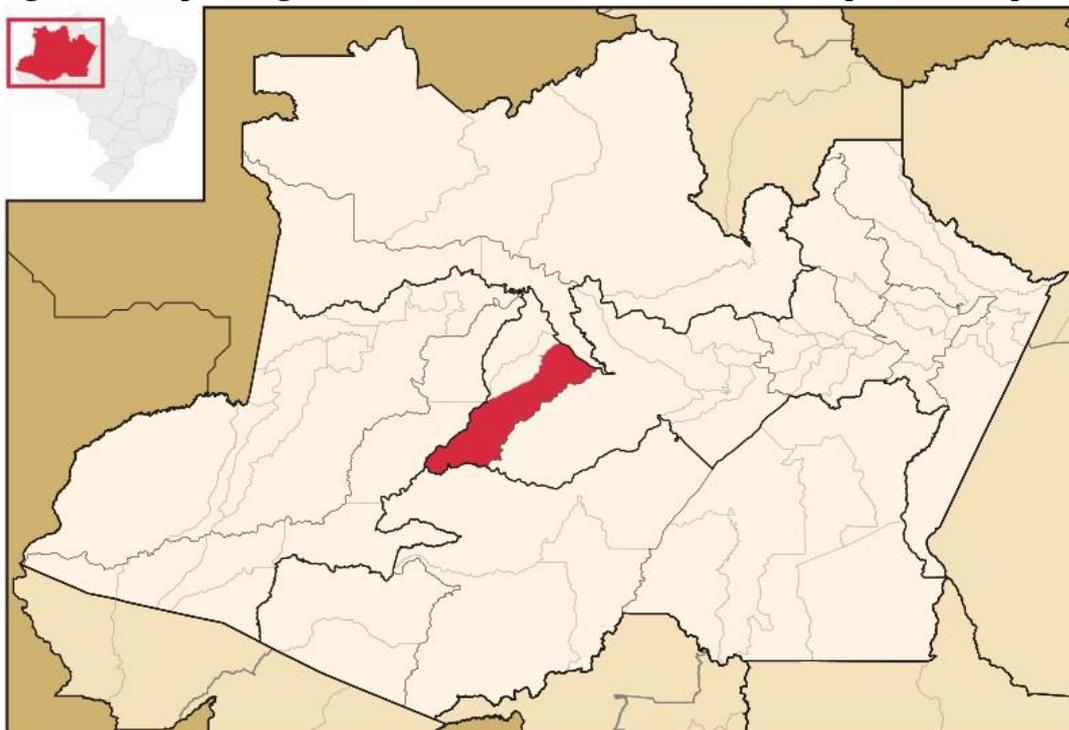
Fonte: ruralpecuaria.com.br

Tefé⁵ é um município brasileiro do interior do Estado do Amazonas, na região Norte do país. Sua população, de acordo com estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) em 2021, era de 59.250 habitantes. Sua área territorial é de 23.808 quilômetros quadrados, sendo o quadragésimo oitavo maior município brasileiro em área e o vigésimo terceiro do Amazonas.

O município de Tefé (figura 4) está distante 523 quilômetros de Manaus, capital do Estado do Amazonas, e 2304 quilômetros de Brasília, capital do Brasil. A cidade está localizada às margens do Lago de Tefé, lago formado pelo alargamento de sua foz, que é um dos afluentes do rio Solimões, na sua margem direita. Tefé possui um IDH de 0,639 (médio), típicos das cidades do interior do estado. Sua maior fonte de renda é a agricultura.

⁵ Fonte: <https://pt.m.wikipedia.org>

Figura 4: Mapa Geográfico do Estado do Amazonas, em destaque o município de Tefé



Fonte: internet

Figura 5: Frente do município de Tefé



Fonte: internet

O acesso a algumas comunidades, a partir da cidade de Tefé (figura 5) é possível por via terrestre, mas, devido às más condições de estradas e ramais, a via fluvial se torna mais viável e segura, além de possibilitar uma experiência indescritível da paisagem no decorrer do caminho. As interlocutoras desta pesquisa são quatro mulheres de 30 a 41 anos e que foram entrevistadas entre novembro e dezembro de 2023, além da ambientação da pesquisadora nas comunidades em períodos anteriores, observando os locais a serem pesquisados. A seguir apresentaremos alguns dados sobre as interlocutoras da pesquisa:

I. C. S. R.: Moradora da comunidade do Bacuri, localizada no Lago de Tefé, nascida em 1984, filha de pais agricultores, casada, mãe de 5 filhos, graduada pela universidade do estado do Amazonas, pelo Centro de Estudos Superior de Tefé, em licenciatura em Letras, no ano de 2020, contratada pela rede municipal de ensino exercendo o cargo de professora.

R. S. M.: Moradora da comunidade do Bacuri, localizada no Lago de Tefé, nascida em 1986, filha de pais agricultores, solteira, mãe de 2 filhos, graduada pela universidade do estado do Amazonas, pelo Centro de Estudos Superior de Tefé, em licenciatura em Letras, no ano de 2020, contratada pela rede municipal de ensino exercendo o cargo de professora.

G. P. O.: Moradora da comunidade do Porto Praia, localizada as margens direitas do Lago de Tefé, nascida em 1993, com pais agricultores, casada, sem filhos, graduada pela universidade do estado do Amazonas, pelo Centro de Estudos Superior de Tefé, em licenciatura em Pedagogia, no ano de 2021, contratada pela rede municipal de ensino exercendo o cargo de professora.

D. F. A.: Moradora da comunidade do Porto Praia, localizada as margens direitas do Lago de Tefé, nascida em 1985, com pais agricultores, casada, 4 filhos, graduada pela universidade do estado do Amazonas, pelo Centro de Estudos Superior de Tefé, em licenciatura em Letras, no ano de 2020, contratada pela rede municipal de ensino exercendo o cargo de professora.

Como se pode perceber, todas as interlocutoras têm alguns pontos em comum: receberam formação acadêmica pela Universidade Pública, vivem em áreas rurais, trabalham com a educação pública municipal e vivem em contextos rurais e compartilham o desejo em transformar suas vidas por meio da educação, assim como colaborar com o desenvolvimento dos espaços que residem e de sua família, de modo particular, vendo na universidade essa oportunidade para alcançar seus objetivos.

Figura 6: Ramal que interliga a Estrada da Agrovila à Comunidade do Bacuri, no Lago de Tefé-Am.



Fonte: pesquisadora

Usou-se uma abordagem de pesquisa qualitativa, buscando descrever as mudanças das relações entre gêneros em duas comunidades ribeirinhas da região de Tefé, AM. Apoiando-se no método etnográfico. Segundo Geertz (1898), essas investigações buscam “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário [...]. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa”.

Para isso, é essencial estar ambientada com o local de pesquisa, bem como com as interlocutoras, pois essa aproximação nos dará uma amplitude sobre o espaço a ser pesquisado, assim também ideias e modo de vida das mulheres das comunidades a serem pesquisadas. Bourdieu (2007) traz essas questões em que ressalta a necessidade de adentrar na vivência e experiências do *lôcus* da pesquisa, para tomá-la como objeto de observação, por vezes, tomando caminhos distintos, ora via fluvial, ora utilizando as estradas que levam até a comunidade, ou a comunidade próxima que facilitem o acesso (figura 6).

Com uma observação inicial, foi possível perceber que a comunidade ribeirinha, tanto a comunidade do Bacuri, como a comunidade do Porto Praia, não possui muitos recursos materiais providos de verbas da prefeitura municipal de Tefé, tampouco do Governo do

Estado do Amazonas, o que dificulta o desenvolvimento de outras tarefas além daquelas já trabalhadas há tempos.

Uma das necessidades da comunidade seria, um espaço onde pudessem ser feitas reuniões, encontros, apresentações dos trabalhos desenvolvidos na comunidade ou fora dela, ou mesmo, convidando outras mulheres de comunidades próximas a participarem de reuniões, fazendo com que o desenvolvimento educacional do espaço rural seja otimizado e que além da agricultura, artesanato e pesca, outros recursos financeiros sejam destinados aqueles e aquelas que possuem o recebimento de outros recursos como aposentadoria, BPC, Bolsa Família e etc.

Nas comunidades ribeirinhas, do Bacuri e Porto Praia, há ação direta do Estado e da prefeitura de Tefé, por meio de suas Secretarias de Educação. Mas os professores, em sua grande maioria, não possuem formação continuada ou não atuam na sua área de formação, causando prejuízo ao desenvolvimento por parte dos alunos. As comunidades não contam com postos de saúde de atenção básica, sendo necessário o deslocamento de seus usuários para a zona urbana para procedimentos médicos e clínicos.

Quanto à escola da comunidade do Bacuri, encontra-se em bom estado, construída em alvenaria e coberta por alumínio galvanizado, com salas climatizadas. Ela passou por reforma e ampliação, atendendo no turno matutino a crianças de primeiro a quinto ano do ensino fundamental, no período vespertino, atende-se a alunos de sexto a nono ano e no período noturno, atende a modalidade de EJA (Educação de Jovens e Adultos), com algumas aulas mediadas por tecnologia.

A escola conta com uma sala de mídias, com televisor e computadores para dar suporte às aulas e serem usadas como aulas diferenciadas, que fogem um pouco do tradicionalismo das aulas com professor ao quadro transcrevendo o conteúdo em uma lousa e alunos copiando. Porém, nem sempre é possível devido à baixa qualidade de internet.

A escola possui uma quadra coberta, uma idealização da comunidade, servindo a comunidade quando há necessidade de eventos de grande porte, como por exemplo: o dia das mães, que é de grande expressividade na comunidade e conquista de mulheres daquela comunidade. As refeições têm, em sua grande maioria, a contribuição da comunidade que faz o repasse de produtos regionais para somar na alimentação, como frutas e legumes que são produzidos na comunidade pelos comunitários, além de farinha, outro produto que é muito produzido e apreciada na alimentação de um modo geral na região amazônica.

A comunidade também frequentemente realiza ações sociais que permeiam a educação, com a visita do Instituto Vaga-lume, que leva uma biblioteca itinerante a comunidade, de cunho social como a escolha do líder comunitário, da presença de instituições como o Instituto de Desenvolvimento Mamirauá entre outros, que vem contribuindo para o desenvolvimento da comunidade, capacitando homens e mulheres para o benefício comum das comunidades já citadas.

Figura 7: Escola de uma das comunidades em alusão ao dia da criança



Fonte: arquivo da interlocutora

Já na comunidade do Porto Praia, a escola ainda se encontra com a estrutura de madeira, com salas pequenas e com cobertura de alumínio galvanizado, há na escola 8 salas ao total, contando com séries multisseriadas nos anos iniciais de ensino fundamental e individuais de sexto ao nono ano. Em geral, as professoras ministram mais de uma disciplina, como por exemplo: Inglês e Língua Portuguesa.

O refeitório é uma área aberta, sem muita estrutura, contando com mesas e cadeiras de madeira, a escola não conta com quadra poliesportiva, tendo as atividades deste fim realizadas em um campo aberto próximo a escola ou, dependendo do clima, as atividades são realizadas aos fundos da escola, debaixo de um frondoso Jambeiro, o que além de ser uma opção para essa problemática, também é uma forma de envolver os alunos na natureza, ambientalizando as aulas, fazendo com que os alunos dê valor ao espaço de vivência e

escolarização, privilégio que alunos de escola em cidades mais urbanizadas não tem, justamente pela poluição do ar.

Tornar o estado na Amazônia permeável à pluralidade de forças que expressam a diversidade social e cultural da região, dotando-o de mecanismo que o faça eficiente como indutor de desenvolvimento para a correção das desigualdades econômicas-sociais. (Costa, 2006, p.22)

Figura 8: Escola municipal de uma das comunidades pesquisadas



Fonte: pesquisadora

A ida a comunidade teve o intuito de entrevistar quatro mulheres em comunidades distintas, duas em cada comunidade, no interior do município de Tefé, que atualmente trabalham com a educação em escolas municipais em suas respectivas comunidades. Elas, antes de se formarem na Universidade, viviam de sua produção no meio agrícola, de pesca, da produção de farinha e do beneficiamento do açaí, produtos bem típicos da região amazônica e muito apreciados no prato e paladar dos povos amazônicos de uma forma geral.

Suas produções eram coletivas (e ainda são), entre membros da família e outros comunitários, beneficiada na comunidade, hora consumida entre os comunitários ou trazida a zona urbana para venda. Dessa venda, parte dos lucros é destinado para compra de novos materiais que serão utilizados nos plantios ou outro fim destinado ao trabalho braçal. Outra parte é destinada à compra de alimentos que não se produz na comunidade, assim também

como combustível para o manuseio dos motores ou outro material que seja necessário o uso de combustível.

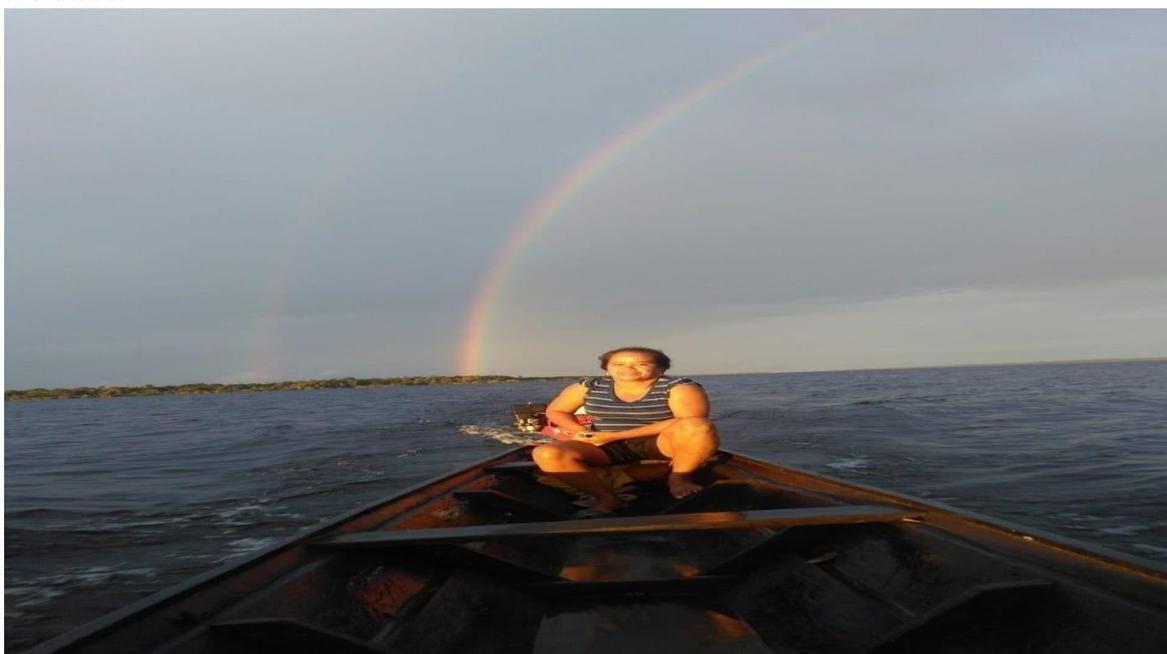
Os saberes-fazeres que essas mulheres praticam por anos é verdadeiramente louvável, pois se administra a casa, seu plantio, o cultivo, o beneficiamento, a venda, a destinação dos recursos, sendo que algumas delas nunca fizeram ou participaram de um curso de capacitação para esse fim. Mas, se sabe que estes trabalhos, as sobrecarregam, e o tempo que seria destinado a outros trabalhos ou mesmo a um momento de lazer, essas mulheres estão ali, carregando um fardo que poderia ser bem mais leve, se contasse com a contribuição e a compreensão de outras pessoas, que ainda carregam o pensamento de que: “esse é o dever dela”.

As interlocutoras foram ouvidas por meio de entrevistas abertas, cada uma em sua respectiva comunidade, sendo todas professoras, produtoras, manejadoras de máquinas, artistas, uma gama de saberes que foram aprendidos no decorrer de sua vida e que vão além dos saberes que tradicionalmente as mulheres “deveriam saber”.

Por exemplo, aprender a manejar um motor rabeta (figura 9), como é conhecido em nossa região, dá a elas oportunidade de locomoção, sem a dependência de outras pessoas para trafegar em diversos espaços, incluindo o transporte de sua comunidade para a cidade para estudar, o que pode ampliar as possibilidades de escolha dessas mulheres.

Elas utilizam esse transporte para se locomoverem a seus trabalhos, além de usar como um instrumento pessoal, muitas delas utilizavam desse transporte e dos momentos em que estão nele para interagir com outras mulheres, em um momento descontraído, mas de grande importância na troca de informações, saberes, para um momento de descontração, sendo aquele momento, por vezes, o da locomoção, o único que dispunham para ter um pouco de distração de todos os seus afazeres.

Figura 9: interlocutora manejando seu motor rabeta para locomoção da comunidade à cidade.



Fonte: arquivo pessoal da interlocutora

A intenção deste trabalho foi investigar como os conhecimentos adquiridos dentro da Universidade podem ter potencial para dar à mulher maior poder de escolha, sobre suas opiniões, sobre seu corpo, sobre seu posicionamento político e crítico dentro da sociedade, culminando em seu empoderamento.

1.1 Relações de gênero no modo de vida ribeirinho

Embora as relações entre gêneros sejam muito variadas na Amazônia, devido à grande diversidade cultural nos diferentes territórios, segundo Schmink (2012), existem algumas características geralmente relatadas sobre as relações de gênero na Amazônia que são comuns. Estas podem servir para esta pesquisa como um ponto de partida para a compreensão da diversidade e mudança a partir do ingresso das mulheres ribeirinhas na universidade.

Uma característica seria a forte identidade comunitária e compromisso político entre grupos sociais que compartilham os mesmos territórios, que muitas vezes, acabam por desviar a atenção da desigualdade de gênero, que contradiz a unidade comunitária. Em segundo lugar, existem valores culturais patriarcais arraigados entre as populações ribeirinhas, de um modo geral, dando aos homens papéis de protagonismo nas decisões e na representação familiar em espaços públicos, deixando as mulheres sem direitos de propriedade independente e autônoma, nem representatividade na tomada de decisões.

Segundo Schmink (2012), sobre a divisão do trabalho por gênero, frequentemente existem papéis específicos e complementares:

A divisão do trabalho por gênero frequentemente se associa a diferentes espaços físicos e áreas de atividade: por exemplo, as mulheres podem participar em atividades reprodutivas e produtivas em hortas familiares/comunitárias e atividade de corte e queima, enquanto os homens dominam atividades de caça, preparação das terras para a agricultura e extração madeireira para o mercado comercial. Nas comunidades não indígenas, os espaços das mulheres são ainda mais limitados - e os homens muitas vezes controlam a agricultura. O trabalho produtivo das mulheres é muitas vezes invisível para os mercados e para os atores externos, devido a sua associação com a casa, com a família e a sua subsistência, e devido ao seu limitado acesso aos mercados.

O isolamento geográfico de muitas comunidades pode limitar a ação coletiva das mulheres e o acesso a políticas públicas. Mas precisamos reconhecer que as mulheres têm buscado se organizar para assumir o protagonismo político nas lutas das comunidades, para solicitar as políticas e desenvolver suas habilidades e capacidade de liderança em espaços comunitários e públicos mais amplos, sabendo, entretanto, que essa luta é contínua.

Um exemplo disso são as parcerias que muitas comunitárias vêm fazendo com instituições que as capacitam não somente no manuseio dos produtos produzidos, mas também no beneficiamento, produzir em maiores escalas, a lidar com a terra, ao adquirir novos produtos para produção diferenciada.

Na região desta pesquisa, este é o caso do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (IDAM), que sempre realiza reuniões e capacitações voltada para esse fim, ou mesmo a Universidade, no âmbito do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST), que sempre abre as portas para as agricultoras exporem seus produtos e apresentarem seu modo de vida no espaço da academia.

Santos (2006, p.76) afirma que: “por assim dizer, uma forma de extensão ao contrário, de fora da universidade para dentro da universidade. Consiste na promoção de diálogos entre saberes científicos que a universidade produz, e os saberes [...] que circulam na sociedade”. Pensar a universidade como um espaço de saber, que produza, além dos estudos programáticos, um despertar nessas mulheres (e em outras que estão ao seu redor) de um olhar diferenciado sobre o mundo.

Figura 10- Saberes compartilhados em uma das comunidades pesquisadas.



Fonte: Arquivo pessoal da interlocutora

Todo novo aprendizado se agrega de forma significativa a cada um ou a cada uma de forma diferenciada, de modo que cada mulher que está no espaço da Universidade, que não conhece a comunidade ou que nunca tenham experienciado o que as mulheres ribeirinhas vivem, possam aprender também, promovendo a troca de saberes entre saber científico e saber vindo das comunidades contribuindo no aprendizado dessas práticas do aprender fazer, do aprender a ser, sendo algo muito significativo, em que a mulher ribeirinha se veja como importante e ativa no meio acadêmico.

Essas mudanças que têm ocorrido, nos desafiam a entender que “os processos que afetam as relações de gênero, de geração e de família em contextos rurais, exigem uma atenção específica que permita desvendar a vivência de uma ruralidade cada vez mais emaranhada em complexas teias de poder e de significação” (Scott, Cordeiro e Menezes, 2010, p.17-18).

É necessário reconhecer que a representação feminina nas organizações populares amazônicas cresceu com a redemocratização e com o fortalecimento dos movimentos sociais. Esta pesquisa encontra-se neste contexto de uma mudança mais ampla, que não está apenas associada aos projetos de vida individuais das mulheres em questão, mas que apresenta o

quanto é importante para essas mulheres estarem munidas de saberes diversos para poderem ser protagonistas de sua realidade e, para isso, a universidade tem papel crucial.

As mulheres interlocutoras desta pesquisa lidam com a produção de alimentos provindos de seus roçados, pesca e agora, após experienciar a Universidade, passaram também a lecionar nas comunidades em que residem e/ou nas proximidades, em conjunto ao ambiente em que se está inserida.

Essas mulheres têm consciência, na relação com trabalho, dos desafios de estabelecer uma conexão entre os conhecimentos tradicionais e acadêmicos, bem como as relações de gênero. Essas reflexões são muito pautadas em debates da sala de aula ou em roda de conversa com suas alunas e moradoras da comunidade. Nesse sentido, cabe uma compreensão sobre o papel da mulher nesses espaços e como disseminam as questões de gênero, seja por experiências anteriores ou pelo exemplo de vida de cada uma.

Essas mulheres passam a ser, de certa forma, um exemplo a ser seguido em seu meio social, fazendo com que, outras mulheres (e homens) busquem ou tenham o interesse de também adquirir conhecimento e empoderamento.

Dentro desses preceitos, acredita-se que a mulher deve ser mais valorizada, para o além do trabalho braçal, que historicamente lhe foi delegado, mas como um agente ativo na construção da comunidade, nas decisões acerca da melhoria do espaço social, se utilizando de seus conhecimentos para gerar discussões e sugestões de mudanças positivas e significativas para todos e todas.

Pode-se dizer que mudanças quanto ao ideal de educação e empoderamento ainda estão distantes de serem alcançadas, visto que elas historicamente são excluídas, atualmente, justamente por ser mulher, pelas relações patriarcais⁶ que ainda seguem em destaque. E promover essas mudanças é um processo árduo e que apenas está no início, há muito que ser trabalhado e mudado na sociedade como um todo.

As hierarquias sugeridas nas categorias de gênero e geração estão em constante jogo nas redefinições, nas relações de poder entre homem e mulher, entre os mais velhos e mais novos, sejam estas relações construídas em referência à família (em todas as suas acepções), a comunidade, à articulação entre espaços diversos de convivência, ou às adesões institucionais que gerenciam o

⁶ O conceito de patriarcado tem sido usado na literatura feminista internacional para significar as relações de poder entre homens e mulheres. As mulheres são subordinadas aos homens no sistema patriarcal. A combinação com a teoria marxista ocorre para construir uma base material para essas relações de poder.

pertencimento a uma ou outra destas categorias (SCOTT, CORDEIRO E MENEZES, 2010, P.25).

Falar da opressão e do empoderamento de mulheres, ainda hoje é uma pauta bastante delicada. Mas é, também, uma ponte para que mulheres, em especial as que vivem no meio rural, nas ribeiras ou dentro de comunidades tenham voz e sejam vistas não apenas como objeto de pesquisa, mas que participem e sejam pesquisadoras e produzam novos conhecimentos, ressignificando conhecimentos já existentes em seu meio.

Observa-se que estas mulheres, mesmo obtendo conhecimentos acadêmicos que as possibilitem depender de seus trabalhos como professoras, elas permanecem em trabalhos braçais em seus roçados, da pesca, da produção de produtos extraídos da mandioca/macaxeira, da extração de açai, entre outros produtos originados da terra. Muitas relatam que é um trabalho prazeroso, o de lidar com a terra, além disso, é no manejar da terra que em geral essa mulher tem o contato com outras mulheres, promovendo momentos de troca de saberes, ideias e organização política.

Mas não se pode dizer que esses trabalhos sejam fáceis, tampouco que não sejam cansativos, visto que se trabalha diariamente, em situações insalubres de trabalho, com altas temperaturas, sujeitas a encontrarem animais peçonhentos que possam a ferir ou causar um dano maior a sua integridade física, que estão sujeitas a um naufrágio de suas embarcações ao lidarem com a pesca ou escoamento de seus produtos, ao assédio que sofrem e os riscos de abusos de qualquer espécie em seu local de trabalho, como podemos perceber na fala de Torres (2012, p. 11).

[...] Trabalho leve e pesado das mulheres na Amazônia, mostrando que trabalho pesado, na ótica das mulheres pesquisadas, não é tanto o trabalho duro e arriscado; é isto sim, aquele que se pôr-se no sol quente de 13h a caminho da roça carregando apetrechos e ferramentas; é colocar-se à beira do forno quente horas a fio torrando farinha; enfim, é chegar cansada da lida na roça e ainda ter de cumprir uma segunda jornada consubstanciada no trabalho doméstico, que se torna extenuante e agravante para a saúde dessas mulheres.

Tendo em vista a visibilidade que a floresta amazônica tem, para a população de modo geral, os agentes construtores, preservadores e manejadores, pouco se fala da participação das mulheres na construção dessa visão cosmológica de um mundo particular a qual essas mulheres pertencem. As questões de gênero, apontam sobretudo, para essa diferenciação entre homem e mulher.

Segundo relatos das interlocutoras e de observações nos períodos de visitas às comunidades, muitos dos homens ribeirinhos deixam muito cedo a escola para seguirem seus pais ou outros familiares no roçado. Há um contexto cultural no que diz respeito a essas práticas, pois apontam o homem como aquele que é o principal provedor do lar e que sua honradez depende de mostrar a si e aos demais essa capacidade de prover, de manter um lar.

Há na lavoura a separação entre atividades femininas e masculinas, sendo de consenso que o trabalho mais pesado cabe ao homem e à mulher, o mais leve. Na prática, entretanto, os espaços de cada sexo se interseccionam diante das necessidades imediatas, verificando-se a simbiose entre masculino/feminino tanto maior quanto mais grave for a situação de “precisão” da família (PANZUTTI, 2006, P.90)

As mulheres são responsáveis pela casa e devem, ainda, ir ao roçado, trabalhar arduamente, além de cumprir o papel de ser aquela que irá educar seus filhos, que será uma extensão da escola em casa. Por esse motivo, alguns pais e maridos fazem questão que suas filhas estudem. Além disso, as mulheres têm uma visão diferenciada, pois acreditam que por meio da educação, muitas delas podem ter uma qualidade de vida melhor, diferente de suas antepassadas.

Esse pensamento se deve, historicamente, ao fato de muitas terem passado por processo de abusos, sofrimento ou ter presenciado algo assim com outras mulheres. Elas querem uma vida diferente, que não tenham que se submeter ao jugo do trabalho pesado, tampouco aos abusos praticados por pais e maridos, o que é corriqueiro dentro das comunidades rurais, neste e em demais municípios.

Esta ainda tem sido uma luta constante de mulheres, se desvincular da visão de mulheres objetos, para serem mulheres ativas, participativas, atuantes, pertencentes e empoderadas. Para que haja uma compreensão sobre os povos ribeirinhos, mais ainda sobre a mulher ribeirinha, faz-se necessário uma abordagem sobre as populações tradicionais, em especial as comunidades ribeirinhas no entorno da cidade de Tefé, levando em conta o espaço em que cada uma está inserida, o contexto histórico, político e econômico que permeiam as comunidades pesquisadas dentro deste projeto, e mostrar as diferentes formas de vivência de cada uma, de forma particular e em grupo.

Também se faz necessário compreender que as comunidades no entorno da cidade de Tefé pertencem a um espaço de saber, e que esses saberes devem ser apreciados de forma positiva pela comunidade, não apenas como aquele espaço simplório, limitado de infraestrutura, por vezes esquecido pelo poder público, mas ver e entender a sabedoria dos

anciãos, a forma do homem trabalhador tratar a terra, a persistência da mulher por seu lugar de fala, de experiência, de força e de luta, das crianças e seus privilégios em conviver com a natureza de forma integral, livre do meio tecnológico, partilhando saberes ancestrais tão ricos e valorosos, que, por estar tão infiltrado em outros contextos, acabam se perdendo com o passar do tempo.

Ao abrir as portas para essa nova visão cosmológica, a Universidade agrega um resgate que vai além do cultural, pois esses saberes fazem parte de nós, de nossa história que não se pode dissociar para apenas traz para os contextos de ensinos, culturas tão distintas as nossas que por vezes são mais valorizadas e exaltadas, nos causando certa estranheza e incomodo.

Figura 11- Comunidade ribeirinha pesquisada, Porto Praia



Fonte: pesquisadora

O conceito de modo de vida ribeirinho e de sua singularidade como o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece sobre outras fontes de significado. A construção dessa identidade rural e ribeirinha se apresenta como uma variedade, seja no conceito cultural, organizacional, político e econômico que, com o passar do tempo, vem se modificando dia após dia.

Podemos apontar essas mudanças como um reflexo da mudança global e que de certa forma influencia no modo de vida também deste povo, o que outrora era tido como trabalhos para gênero X ou Y, hoje pode ser realizado por todos, homens e mulheres. O que antes, dentro do meio organizacional era comandado por homens, hoje, cada vez mais se vê mulheres como liderança, seja comunitária, de associações, de espaços coletivos e assim sucessivamente.

Aborda-se, foi sobre tais mudanças no contexto ribeirinho, a amplidão da diversificação do meio ambiente, ora em total escassez por causas das secas severas, ora devido às enchentes que também assola e causam bastante prejuízos às plantações dos ribeirinhos, e como cada um tem aprendido a manusear os recursos naturais.

Outro ponto importante a ser destacado é sobre quais produtos e serviços estão sendo utilizado para essas produções, e como elas fazem com que haja uma distribuição de tarefas para cada membro da comunidade, se estão interagindo para o escoamento desses produtos, quais as tecnologias utilizadas para produzir e divulgar os produtos de comum uso e produção da comunidade.

Além disso, em cada período é pensado em situações diversas, e sempre se é pensado no coletivo, para que nada venha a faltar a nenhum membro da comunidade, essa união é louvável e até invejável, pois em outros contextos não se é pensado de tal forma, o que leva a uma grande maioria a passar por necessidades, fome, acarretando várias doenças, inclusive a depressão, mal do século por muitos gerenciadores de família que não sabe como manter seu lar de forma digna.

Figura 12: Produtos produzidos e consumidos na Comunidade, também são fonte de renda às comunidades.



Fonte: Arquivo pessoal da interlocutora

Isso reflete na forma que essas mulheres também buscam por educação diferenciada, para também levar a esses espaços, meios de mudança e melhoria de vida, atrelando sempre o novo ao tradicional, o manual e tecnológico. Tanto para o roçado, como para as produções posteriores a ele, assim também para o meio educacional.

A construção do ser ribeirinho se aprende no ambientizar, nas construções familiares, na interação entre pais e filhos, mais velhos e mais novos, tendo como pano de fundo a natureza e as necessidades que cada um possui em se manter da natureza e com a natureza de forma harmoniosa. É o que nos diz também Manuela Carneiro da Cunha ao afirmar que uma visão equivocada do conhecimento é que este seria:

(...) um tesouro no sentido literal da palavra, um conjunto acabado que se deve preservar, um acervo fechado transmitido por antepassados e ao qual não se deve acrescentar nada. Nada é mais equivocado: o conhecimento tradicional consiste tanto ou mais em seus processos de investigação quanto os acervos já prontos transmitidos pelas gerações anteriores. (Cunha, 2009, p.302).

Quando nos remetemos a espaços rurais, as comunidades ribeirinhas, nos vem à mente espaços de mata, com poucos recursos, de gente simples, que por vezes vivem à margem da

sociedade, obtendo o mínimo para sua sobrevivência. Quando falamos e escrevemos sobre as comunidades ribeirinhas por vezes esquecemos da diversidade cultural, educacional e social encontradas nas comunidades ribeirinhas. Da riqueza que estes povos têm a ensinar sobre plantio, sobre manejo florestal, agrícola, entre outros, como a cultura é tão vasta e tão rica, no entrelace entre passado e presente, nas construções identitárias e típicas de cada comunidade.

A identidade do ribeirinho se dá no estar perto das águas e das florestas. Em sua definição sobre o ser ribeirinho, Scherer (2004), distingue a região amazônica em dois espaços distintos, sendo a primeira denominada de terra firme, que é onde há um maior espaço de mata e que em um índice menor de inundação no período de enchente.

Já o segundo, é denominado de terra de várzea, que são aquelas mais próximas aos rios e lagos, e que se localizam nas partes mais baixas, com maior chance de inundação e onde as terras são mais produtivas justamente pelo sistema de irrigação do solo e depósito de nutrientes nos períodos de cheia dos rios. Esses períodos são distintos e ocorrem todos os anos, com a intensiva ou não de seca ou cheia.

Torres (2012) afirma que a terra é um espaço onde se colhe esperança, em que há o festar de ter um bom local bom para plantar, para colher e reverenciar as divindades com ritos de agradecimento pela colheita e pela abundância de seus roçados. É nesse espaço que a primeira formação da mulher ribeirinha se dá, em aprender a lidar com o solo, com as mudanças que a natureza impõe, no sentimento de pertencimento daquele espaço e no aprendizado que são reproduzidos pela interação entre gerações, fortalecendo os vínculos, terra, humanos e saberes.

Morin (2003, p.25) nos remete aos saberes do tratar da terra por mãos femininas como algo belo e especial, em que se pensa não somente em retirar da terra para o seu sustento diário, mas em refletir sobre o futuro, passando a cuidar mais do espaço de cultivo, extraindo somente o que é necessário, preservando para o futuro, pensando sempre no coletivo.

As questões de gênero, como conceito, trazem à luz as relações que se dão em outros espaços, entre eles, a universidade, espaço esse de reflexão sobre as questões do ser mulher e a mostrar os caminhos possíveis a se seguir, os direitos a qual todos têm e a troca entre o saber tradicional e acadêmico e que este pode ser utilizado em qualquer ambiente.

O movimento feminista, vem dando à mulher, cada vez mais voz, as legitimando em suas práticas. Porém, há uma gama de outras coisas a serem feitas, por exemplo, dar visibilidade

a estas mulheres, seja por meio de projetos políticos em que se vise o ecofeminismo⁷ como base para construção de saberes, em que leve esses saberes por meio das mídias sociais, visto que é algo muito necessário e de grande relevância, não somente para quem vive na comunidade, mas para aqueles que vivem a partir da comunidade, já que a mesma influência de forma direta ou indireta, as demais comunidades, bem como as cidades, pois hoje os produtos das comunidades rurais estão na mesa, na casa e nas prateleiras dos supermercados na cidade. Sem a agricultura não há movimentação do comércio e sem ele, não há circulação financeira, tamanho impacto que as comunidades têm sobre a zona urbana.

Outro ponto seria programas sociais que contemplasse a mulher ribeirinha, visto sua expressividade não apenas dentro da comunidade, mas fora dela também, fornecendo subsídios que possam garantir um meio de renda, ou mesmo criar cooperativas em que essas mulheres, que hoje são também chefes de seu lar, dona de suas terras, possam trabalhar, gerar renda para seu lar, para sua comunidade, para outras mulheres, fazendo a economia se fortalecer.

Parte dos instrumentos de trabalho, como as canoas, são confeccionadas dentro das comunidades, uma arte que é ensinada por gerações, o que se configura uma forma de renda ao comunitários, além de facilitar o transporte dos ribeirinhos para as demais localidades no interior da cidade, para a cidade e para os demais municípios por toda a Amazônia.

As mulheres também fazem parte da confecção desse transporte, bem como os remos que é indispensável para a navegação nos rios, lagos e igarapés, seja para a locomoção, seja para a pesca, extração de alguns materiais para a produção das bio-jóias, paneiros ou para o transporte de seus produtos para a venda em outras localidades.

⁷ O ecofeminismo vem ganhando maior destaque nos últimos tempos, justamente por apontar a mulher como cuidadora de seu espaço de uso comum, em seus roçados, em suas terras produtivas. Como apresenta Boff (1999, p.35) “As mulheres têm uma relação menos destrutiva com o meio ambiente do que os homens, porque elas têm o olhar da sensibilidade.

Figura 13- canoas, fonte de renda, no escoamento dos produtos, na pesca e no transporte de mulheres e homens na comunidade.



Fonte: interlocutora da pesquisa

As atividades realizadas por essas mulheres se listam entre: preparar a terra, plantar, colher, beneficiar as colheitas, separar, levar para os locais de escoamento, vender e, por fim, a lidar com a rentabilidade de seu produto e a aquisição de novos produtos, realizando por fim o retorno a sua comunidade. Isso não é uma tarefa fácil, e ainda mais lidando com a rotina dos cuidados com o lar, com a criação de seus filhos, em auxiliar sua família nos afazeres domésticos e na lida com a terra. Em geral, nos parece que a divisão desse trabalho não é justa, pois as tarefas acumulam-se sobre a mulher. Muitas, segundo Torres (2012), são responsáveis pela economia doméstica, pois sabem o que é necessário de proventos para o lar, ao cabo que o homem é tido como aquele provedor do recurso.

Apesar das atividades nas comunidades ribeirinhas serem realizadas por todos os seus integrantes, cada membro é responsável por realizar uma tarefa. Em geral, a mulher está associada aos afazeres mais “brandos”, que seriam o plantar, colher e beneficiar. Ao homem seria o manusear as roçadeiras, os motor-serras, a lidar com as ferramentas da casa de farinha

(comum em ambas as comunidades o preparo de farinha), ao subir nos açazeiros. “As mulheres envolvidas com a vivência e sobrevivência da família convertem-se em verdadeiras gestoras da configuração social: reunindo a família, as vizinhas, estabelecendo relações de solidariedade mútua, coletivizando carências e necessidade” (Rossini, Calió, 2009, p. 329). É nessa vivência do coletivo, do aproximar com outras mulheres que a mulher ribeirinha, que já tenha sua passagem pela universidade conquista outras mulheres, pois é nessa interação que as demais percebem o quão é importante a formação acadêmica, e ver, que apesar das dificuldades, é possível essa conquista.

As conquistas, como para qualquer ser humano, são subjetivas, cada um vê de forma diferenciada, e cada uma está enraizada em saber fazer, a capacidade de fazer, o suporte oferecido pela família, as possibilidades encontradas nos espaços fora da comunidade, família e lar, entre outros aspectos apontados ao longo da observação. Entretanto, sabe-se que nas comunidades ainda predominam as estruturas de dominação patriarcal⁸, em que a mulher ainda é subjugada e dominada pelo homem (pai, marido, namorado).

Para algumas mulheres, sua importância e realização estão justamente nessa subserviência ao marido ou a outros, em ter o prazer em servir, em obedecer, em agir com singeleza para garantir a harmonia do lar ou do local de trabalho, outras vivem sob o julgo do marido, por vezes sofrendo violência, uma realidade, infelizmente, comum no meio rural. E as mulheres saídas desse meio, sabem a importância do cuidar educacional.

Há por parte delas um esforço notável, (pois já saíram de um espaço com dificuldades, pois não romantizemos o trabalho da roça), para estar em uma sala de aula, com ar-condicionado, conforto de uma cadeira, em uma realidade diferente do sol escaldante e do desconforto do caminho do roçado. Esse relato partiu de uma conversa informal, ainda no período de graduação, em que se havia maior contato com as interlocutoras deste trabalho.

É necessário esse conhecimento e interação para a melhoria das práticas sociais, tanto nos espaços de trabalho, quanto no espaço educacional no qual essa mulher está inserida. O cuidado vai além do cuidar do meio ambiente, mas está em cuidar de si, de sua satisfação pessoal, na medida que a mulher avança em seus estudos acadêmicos, ela passa a ter uma visão diferenciada quanto a sua importância para a comunidade, em seu lar, em seu meio educacional e a si mesma, além disso, ela passa essas percepções no seu meio de trabalho e vivência para

⁸ Assim, como nas sociedades antigas, as contemporâneas caracterizam-se, em geral, por apresentar uma organização baseada no patriarcado (MURARO, 1995)

outras mulheres, as inspirando para que elas também possam buscar por formação, caso essa seja sua vontade.

Outro ponto que vale ressaltar, é a ação do Estado para a continuidade e permanência dessas mulheres no meio educacional. Muitos programas foram criados para que a mulher que vem do meio rural possa permanecer no espaço educacional. Muitas são contempladas com bolsas para garantir um maior conforto, fazendo com que essa mulher possa permanecer na universidade, garantindo seus estudos com mais dignidade.

Não diferente disso, os programas governamentais, ajudam as mulheres ribeirinhas a se manterem na cidade, como por exemplo o Bolsa família, com o qual a mulher tem um rendimento extra, que lhe ajudará a custear as necessidades de seu lar, enquanto estuda. O bolsa família também é destinado às demais famílias, para fins de manter ou complementar a renda familiar, o que ajudou bastante no período em que as mulheres estavam ausentes, como uma forma de suprir sua ausência no trabalho, as ajudando a contribuir com as despesas do lar.

Daí se vê a importância de políticas públicas que contemplem mulheres, pois, de certa forma, estão contemplando a família, gerando rendimentos e fazendo a economia girar, impulsionando a sustentabilidade e a permanência dessa mulher no espaço que ela se julgue necessária.

1.2 Processos históricos de construção dos sistemas sociais.

As mulheres ribeirinhas, até hoje, em sua grande maioria, ainda são educadas para servir, seguindo ainda o regime do patriarcalismo, que as oprime e as limita desempenhar determinado papel social, a de cuidadora do lar, a da extensão do marido ou outra imagem masculina que ela se sujeite. Há outros fatores que reforçam essa ideia, como a religião, que reforça que o marido é o “cabeça” do lar e que a mulher deve estar debaixo do seu jugo, como a idealização de um padrão, em que apontam a mulher como biologicamente e socialmente inferior ao homem.

Foi possível perceber o peso que as igrejas têm sobre os membros das comunidades, e que de forma direta ou indireta influenciam nas decisões tomadas por essas mulheres, pois ainda carregam os paradigmas e dogmas da igreja de forma muito séria, pois ver que ao sair de um casamento ou se afastar dele para estudar na cidade, por exemplo, poderia criar um certo prejuízo em seu casamento, como se o estreitamento da relação fosse abalado pela ausência da mulher do lar e da companhia de seu marido.

Para Vianna e Unberhaum (2007, p.120):

A educação entendida como um *locus* privilegiado de apreensão e compreensão dos direitos, bem como um instrumento fundamental de acesso a eles, é um campo propício para análise sobre as políticas públicas favoráveis à igualdade, em particular, à igualdade de gênero.

Os processos de luta das mulheres por um espaço em que possam ser vistas e ouvidas foram marcados por movimentos coletivos, em especial os movimentos feministas que se estenderam até os dias atuais, rebatendo os estereótipos e fazendo uma reflexão sobre a realidade da mulher em todos os campos de atuação que está inserida. Esses movimentos tiveram papel nas mudanças para visibilização da importância das mulheres na sociedade e na busca de direitos.

No que diz respeito às mulheres, muitas conquistas foram alcançadas, mas ainda há uma gama de coisas a fazer, como o sair do padrão estabelecido de que a mulher é aquela para o lar, para o cuidar da família e ser aquela que obedece ao homem a quem está vinculada, de maneira obrigatória, como um reflexo de anos e anos de cultura machista. Para isso, segundo Castro (2018).

A educação é um elemento constitutivo fundamental da autorganização das mulheres, mas também as organizações que impulsionam o feminismo veem nas práxis educativa uma forma de relação com mulheres que ainda não estão participando do movimento, com outros movimentos sociais e com a sociedade como um todo.

Nessa abordagem, podemos perceber que o diálogo e a organização são as pontes principais para que ocorram mudanças significativas e que seu desenvolvimento depende dessas organizações e que tais feitos, refletirão gradativamente, conforme mais mulheres forem se unindo nesse e em outros movimentos.

Percebemos dessa forma que, o fato de perceber a sociedade como um meio mutável é o que impulsiona essas mulheres por mudanças, e ao se perceber como aquela com competência e habilidades de transformação social, considerando que as transformações sociais ocorridas na comunidade se deram justamente porque alguém optou por mudar, ou por inconformidade com os processos históricos, ou por não ter uma satisfação pessoal.

A interpretação das relações entre diferentes contextos considerados o local e o global da luta feminista; e, mais que isso, a exigência pedagógica de se ter sempre em foco as mulheres participantes do ato educativo, a organização da qual faz parte, o conjunto do movimento de mulheres, e o contexto no qual estão inseridas as suas lutas (Castro, 2018, p.20).

A mudança ou a motivação pessoal, contribui para conquista de direitos, mas não somente isso, ainda é necessário que muitas outras mudanças ocorram, dentro do âmbito da comunidade ribeirinha que essas mulheres residem, mas fora dela também. Um ponto observado, foi justamente o fato de a universidade não ofertar outros cursos além da licenciatura, isso de certa forma limita seus desejos. Segundo relatos ouvidos durante a ambientação nas comunidades: “Não queremos ser professoras”. Há quem deseje ser enfermeira, engenheira, advogada, mas se veem limitadas justamente pela falta de recursos e de políticas públicas que auxiliem a idealização da ida a Universidade.

Há hoje, em Tefé, universidades que ofertam cursos acadêmicos além da licenciatura, mas estas são particulares, e algumas não oferecem bolsa, o que dificulta o ingresso de mulheres.

Além disso, muitas mulheres têm o desejo de estudar, porém se esbarram com a negativa de seus parceiros, que por vezes entendem que a mulher, por estar ausente de seu círculo familiar, tenha o desejo de ter uma relação extraconjugal, e esse pensamento, faz com que mulheres sofram violência simbólica, que é o ceifar de sonhos.

Outro agravante nesse contexto é a pobreza que essas mulheres vivem, por não ter como custear sua vinda até a cidade, se questionam como sairão de sua comunidade, como se sustentarão fora daquele ambiente ao qual estão acostumadas, sem contar, que muitas dessas mulheres tiveram filhos jovens e por não ter um controle de natalidade, fazem com que os filhos sejam “justificativas” para que elas não possam sequer tentar o ingresso na universidade, e se limitam sem nem ao menos tentar.

Segundo Rossini e Calió (2009, p.329): “as mulheres envolvidas com a vivência e sobrevivência da família convertem-se em verdadeiras gestoras da configuração social: reunindo a família, as vizinhas, estabelecendo relações de solidariedade mútua, coletivizando carências e necessidades”. Para essas mulheres, o papel que lhe cabe vai muito além do que apenas auxiliar, elas estão no mesmo patamar figurativo do homem, de ser provedor e mantenedor de sua casa, mas que por vezes, o que é feito ou produzido em suas terras não lhe é suficiente para seu sustento, tampouco para sustentar a ideia de que fora do espaço rural ela também é capaz de realizar grandes feitos, como enfrentar diariamente um trajeto ruim para estudar, deixar seu lar e todo um círculo de apoio que se encontra ali para se lançar a um espaço desconhecido, cheio de novos desafios, além disso, formar-se e transformar-se em uma educadora para além de seus filhos, tomando para si outras responsabilidades.

Figura 14- Defesa de graduação de uma das interlocutoras, um sonho concretizado.



Fonte: arquivo pessoal da interlocutora

Outro ponto que é perceptível é a falta de qualidade de ensino e suporte educacional encontrados por essas mulheres nas escolas por onde passaram ou atualmente, em sua atuação docente. A educação é por vezes negligenciada, com péssimas condições de trabalho e permanência por parte do professor e aluno, sem infraestrutura adequada, com professores sem o devido reconhecimento como profissional e muitos sequer têm o nível superior completo, apontado, dentro do pré-requisito da seletiva que ocorre anualmente para o cargo de professor da rede municipal de ensino, como algo não necessário para atuar na educação ribeirinha. Daí nota-se o total descaso com a qualidade da educação.

Dentro das comunidades ribeirinhas, em específico as comunidades base deste trabalho, a maioria das jovens são mães muito jovens, o que ressalta a ideia de permanência dessa mulher no meio rural, e as fazendo crer que sua ida a universidade é quase uma utopia, algo inatingível, a desestimulando a buscar outros meios para seu sustento. A presença das mulheres interlocutoras dessa pesquisa faz com que essas jovens tenham a esperança de adentrar a universidade, de aprender algo novo, de levar a sua comunidade novas oportunidades.

Outra observação que se nota é sobre o desejo de sair definitivamente da comunidade, por pensarem que aquele espaço as limita, como se associassem o espaço em que vivem ao trabalho pesado, a subserviência e a obediência aos pais, maridos e namorados.

As hierarquias sugeridas nas categorias de gêneros e geração estão em constantes jogo nas definições, nas relações de poder entre homens e mulheres, ou entre os mais velhos e mais novos, sejam estas relações construídas em referência à família, à comunidade, à articulação entre espaços diversos de convivência, ou as adesões institucionais que agenciam o pertencimento a uma outra categoria (Scott, Cordeiro e Menezes, 2010, P. 25).

O pensamento das mulheres nas comunidades trabalhadas diverge bastante, as mais velhas apontam que estão felizes e satisfeitas com seus relacionamentos, com seu trabalho, com sua vida no meio rural, já as mais jovens sentem o desejo em “conhecer o mundo”, a passar por novas experiências, a estudar, a ter uma vida diferente daquela que vivem, e a universidade seria uma porta de entrada para essa mudança.

As modificações nas estruturas familiares e nas relações de gênero são associadas a alterações sociais e econômicas, impulsionadas especialmente pelas mulheres que passaram a ingressar no mercado de trabalho e avançar nos níveis educacionais, assumindo muitas vezes a responsabilidade sobre a subsistência da família (Aizpurúa, Jablonski, apud Féres-Carneiro, 2007; Fleck & Wagner, 2003; Perucchi & Beirão, 2007).

O afastamento das atividades de casa e do roçado, mesmo com sua força de trabalho sendo vista como “secundária”, ou mesmo nunca recebendo um reconhecimento ou remuneração por isso também é citado como ponto negativo do ingresso das mulheres na universidade. Para Silva (1999, p.53):

Apesar de imprescindível para a produção e reprodução da força de trabalho do seu grupo, o trabalho feminino realizado em casa, no quintal e na roça, ainda é visto como ajuda. Quando esse trabalho é transformado em mercadoria, vendido em troca de dinheiro, é que esse trabalho passa a ser visto como tal, mesmo de forma desigual.

Vale ressaltar também as condições financeiras, que além de ser uma influência para a permanência ou saída da mulher da comunidade, também influencia diretamente na decisão da mulher em sair de sua comunidade e buscar por novas oportunidades em outros espaços, entre eles a universidade, pois ela acredita que sua ida à cidade, implica na diminuição de mão de obra em seu roçado ou outro espaço de trabalho, ou que seria um peso a mais para sua mãe,

marido, filhos, pais, pois estes teriam que trabalhar redobrado para cobrir sua ausência, ou mesmo para mantê-la no período em que se encontraria na cidade para estudar ⁹.

Algumas encontram total apoio em sua família e em seus parceiros, pois se entende que além de se tratar de um sonho, é também uma realização pessoal e que, de alguma forma, essa formação advinda da cidade, do meio acadêmico, trará algum benefício pessoal a mulher, à sua família, bem como à comunidade de forma geral.

Por outro lado, outras mulheres têm seus sonhos limitados, em que a única oferta é o cuidar do lar, do trabalho, da família, como se ela não tivesse aspirações nenhuma, em que o companheiro a força a fazer uma escolha, de forma dolorida, entre a família e seu lar, aos estudos e carreira, culminando assim, a uma violência simbólica por parte de seus parceiros ou mesmo da família.

Além disso, há as dificuldades financeiras e logísticas que impedem que outras mulheres lutem pelo sonho de graduar-se e obter novos conhecimentos e experiências que vão além do que cada uma vivência em seus espaços costumeiros, minando os sonhos e desejos de ter e ir adiante com seus estudos, como muitas relatam.

Um outro ponto muito importante em destacar é a vontade que essas mulheres tem em seguir estudando, agora, com uma base mais consolidada de conhecimentos e condições financeiras, visto que agora as interlocutoras trabalham com contratos pela Prefeitura Municipal de Tefé e são melhores remuneradas, podem custear um mestrado em uma instituição no exterior, o que implicará futuramente em um trabalho melhor, com a oportunidade de pontuar em um concurso público, sonho que todas elas relataram ter.

Um ponto que precisa ser destacado é que, mesmo com a vontade de estudar, é sempre um sacrifício a ser feito, sendo trabalhando em jornadas maiores de trabalho, mesmo que em escola, isso também requer um pouco mais de esforço das interlocutoras.

⁹ Embora os estudos sobre as redes de relações sejam encontrados facilmente na literatura, é evidente a escassez de informações referentes a este fenômeno em contextos minoritários como as populações ribeirinhas. Neste sentido, além de permitir o conhecimento acerca deste grupo, os dados do presente trabalho possibilitam tornar estas populações que em geral são invisíveis socialmente, visíveis

Figura 15: interlocutora dando continuidade aos estudos. Mestranda em educação pela Universidade Paraguaia de San Carlos.



Fonte: Arquivo Pessoal da interlocutora

Essa escolha reflete diretamente na mulher, em seus sonhos, em seus desejos e nos que estão em volta, e isso reflete em seus filhos e nas suas relações. Por vezes, esses desmandos são reforçados por familiares próximo à mulher, em geral por pessoas mais velhas, que não tem noção do que seja violência simbólica, e a faz crer que é ao lado da família, na comunidade, em seu roçado que é seu lugar.

Outro ponto que se acredita ser um determinante para a permanência dessa mulher em sua comunidade é o fato de se ver como inferior, em não ser “estudada”, não ser conhecedora de tecnologia, pois por toda sua vida, as ferramentas que muitas conheciam eram as utilizadas para o trabalho como: enxadas, terçados, malhadeiras, forno de farinha, facões, paneiros entre outros, e hoje se deparar com outras ferramentas como celulares, notebooks, impressoras, internet, tudo que permeia novas tecnologias é um desafio que de certa forma, limita essas mulheres.

Um reflexo das estruturas do interior, que ainda é de certa maneira limitado o acesso à internet, a materiais mais modernos e que ainda é uma novidade para algumas. Além disso, as escolas às quais essas mulheres tiveram acesso, também às limitaram por não comportar

essas tecnologias ou estruturas adequadas para que elas pudessem se desenvolver nesse meio tecnológico. Vale lembrar que algumas dessas mulheres não tiveram em sala de aula no ensino regular, em geral, são alunas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), justamente por este ensino em particular ser a noite, o único horário disponível para se estar na escola, depois de um dia cansativo de trabalho.

Acredita-se que a educação é ainda vista como um privilégio de elite, e no espaço rural, essa ideia ainda é muito mais ressaltada, pois se vê o estudo como algo distante de sua realidade, um exemplo para essa teoria é a fala do senhor João¹⁰ que diz: “para que estudar, se para pescar e roçar não carece de estudos?”.

Essa fala ainda é muito disseminada no meio rural, mas que vem perdendo força nos últimos anos, em especial, pelas mulheres que veem nos estudos uma maneira de mostrar potencial, mesmo diante de falas assim e outros obstáculos que se possa encontrar, essa força vem se tornando cada vez mais possível, graça a presença de mulheres com formação, advindas da universidade pública, que resalta a ideia de que tudo se pode quando tem força de vontade, apresentando de fato o que é o empoderar-se.

II. CAPÍTULO: A UNIVERSIDADE NO AMAZONAS E EM TEFÉ.

De acordo com o *site national geographic* a primeira Universidade surgiu em Fez, no Marrocos no ano de 859, fundada por uma mulher muçulmana chamada Fatima AlFihri, que fundou em uma mesquita um espaço de estudos diversos para acolher jovens que tinham a necessidade de estudar e aprimorar seus conhecimentos em matemática, física, química e línguas estrangeiras. Sendo, segundo o livro do *Guinness Book*, a primeira universidade a ser fundada no mundo.

Desde então, as Universidades se multiplicaram em vários países. No Brasil, uma das primeiras universidades fundadas foi a Universidade Federal do Estado do Amazonas (UFAM), que foi estabelecida em 12 de fevereiro de 1909 e denominada Escola Universitária Livre de Manaus, segundo Lei nº. 601, de 8 de outubro de 1909. A instituição foi fundada por Joaquim Eulálio Gomes da Silva Chaves, sendo chamada posteriormente de Universidade de Manaus em 1913, Universidade do Amazonas em 1962 e Universidade Federal do Amazonas em 2002.

¹⁰ Nome fictício para um senhor, morador da comunidade.

A Universidade do Estado do Amazonas – UEA foi instituída pela Lei nº 2.637, de 12 de janeiro de 2001, regulamentada através do Decreto nº 21.666, de 01 de fevereiro de 2001, como Fundação Integrante da Administração Indireta do Poder Executivo Estadual, vinculada para efeito de controle e supervisão de suas atividades, à Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação – SECTI.

A Universidade do Estado do Amazonas, de início, teve como quantitativo de quase 200 mil vestibulandos, um vasto corpo docente e uma boa estrutura física do espaço em que foi instalada, além de já nascer com a missão de interiorizar a educação acadêmica a alguns municípios do interior do estado, como no caso de Tefé, contando com o apoio do poder público e com instituições religiosas existentes na cidade.

A vinda da Universidade do Estado do Amazonas foi um marco para a cidade de Tefé, por sua importância no desenvolvimento da cidade, oportunizando aos filhos e filhas da cidade o acesso à educação superior de qualidade e gratuita, um feito histórico na cidade de Tefé, por sua contribuição social, política, cultural e financeira para a cidade.

Na foto a seguir (figura 16), podemos ver membros de grande renome na cidade e gestão da presente data de inauguração, abrilhantando o evento de inauguração da esperada e renomada Universidade, contando com a presença de lideranças políticas, religiosas, professores e demais autoridades, além dos alunos que aguardavam ansiosos por este momento.

Figura 16: Inauguração da Universidade do Estado do Amazonas, em Tefé, no ano de 2001.



Fonte: Internet

O trecho abaixo apresenta o contexto de fundação do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST/UEA)¹¹.

O 1º vestibular aconteceu com mais de 3.000 candidatos no nosso município, mas o lugar definido para as aulas acontecerem não existia. (...) Os móveis ou materiais permanentes começaram a chegar e logo o auditório da Escola Estadual Frei André da Costa na qual estava na direção, ficou lotada de computadores, cadeiras universitárias, ar-condicionado, mesas etc., tudo de 1ª qualidade. (...) numa conversa com o Padre Antônio Jansem¹², o Dr. Lourenço encontrou o local: seria, portanto, o Centro Interescolar Madre Ofélia de Jesus de propriedade das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria.

A referida escola foi transferida para o prédio do GOTI¹³. Ainda inacabado, mas a ideia de termos uma Universidade

¹¹ Transcrito do relatório cedido pela secretária do Centro de Estudos Superiores de Tefé, referente aos anos de 2001 à 2005.

¹² Religioso, membro da congregação do Espírito Santo, assumiu o trabalho pastoral em Tefé no ano de 1975.

¹³ Prédio situado no centro da cidade de Tefé, na rua Getúlio Vargas, de propriedade da igreja Católica, em que eram oferecidos em seu interior cursos profissionalizantes como: pintura em tecido, bordados,

em Tefé, era motivo de satisfação e os problemas se dissolvem no ar”. Todos colaboraram, professores, alunos, comunidade. O mês de julho foi todo de reforma no prédio. Estava chegando o momento tão esperado. Ansiedade, curiosidade, cisma, alegria, satisfação, sentimentos que se misturavam quando uma equipe de voluntários me ajudava a arrumar o prédio com a participação efetiva dos militares da 16ª Brigada de Selva que transportaram em regime de mutirão o equipamento da Escola Estadual frei André da Costa para o prédio da UEA.

As escolas de Tefé tinham oferecido ajuda. Serventes, secretários, professores me ajudaram a deixar tudo pronto para receber os primeiros Universitários em nº de 340 e 13 professores. No dia 31/07/01 recebemos a visita do Prof. Carlos Eduardo e sua equipe para anunciar a programação de Instalação da Instituição que iniciaria dia 01/08/01 com Seminário “Introdução à Universidade” e teria a duração de três dias. A Escola Estadual Armando de Souza Mendes (GM3) foi o palco desta realização. (...) A aula inaugural foi proferida pelo então Governador Amazonino Mendes.

O 1º semestre letivo foi iniciado com o Seminário de Introdução a Universidade com início no dia 02/08/01 às 09:00h com a conferência do Senador José Sarney que deu sequência a mesa redonda do evento com o tema “A Universidade que estamos construindo”. O ViceGovernador Samuel Hanan abre o 2º dia do seminário com uma conferência, na sequência a mesa redonda “A Universidade para a Amazônia”. No sábado dia 04/08/01 – os convidados para a mesa redonda “A Universidade para a Amazônia”, foram os dirigentes de Instituições de Ensino Superior de Manaus. O debate iniciou logo após a conferência do Senador Bernardo Cabral.

No dia 06/08/01 as aulas propriamente ditas iniciavam. As portas foram abertas, uma nova história da Educação começava a ser contada. A implantação ocorreu em menos de sete meses sob a coordenação do Dr. Lourenço Braga. Nasceu a UEA moderna e com foco voltado para o desenvolvimento do interior do Amazonas. Projeto elogiado pelo Senador e ex-presidente da República José Sarney. “Acho a criação da UEA um passo extremamente importante, que ficará na história do estado. Só através do conhecimento, alguém pode mudar a sua condição de vida”.

crochê, datilografia entre outros. Atualmente, o prédio faz parte dos prédios ocupados pela Prefeitura do município de Tefé, sendo sede da secretaria de Produção e Abastecimento.

O resgate dessa dívida social, falou o Reitor Lourenço Braga, “começou a ser concretizado a partir de janeiro deste ano, quando o Governador Amazonino Mendes assinou a Lei nº 2.637, criando a UEA, que foi instituída pelo Decreto 21.666 no dia 1º de fevereiro de 2001. Desde então foram investidos R\$50 milhões para tirar o projeto do papel, a montante foi destinado a realização do vestibular, seleção de professores, estrutura física, formação do quadro de profissionais e em equipamentos e sistema de informação”.

A UEA começa o semestre letivo oferecendo dez cursos nas áreas de Ciências da Saúde, Ciências Sociais, Educação, Turismo e Arte. Todos eles, com a mesma estrutura tecnológica, um dos principais diferenciais da instituição: 705 computadores interligados em Manaus, Tefé e Parintins, que disponibilizam o acesso da Internet e aos sistemas de informática.

O Centro de Estudos Superiores da UEA em Tefé, iniciase com os cursos de Licenciatura Plena em História e Geografia, Matemática e Física, Química e Biologia, Letras e Inglês e Normal Superior, 5 (cinco) salas de aula, um laboratório de informática com 40 computadores, secretaria, diretoria, sala dos professores e uma biblioteca. No prédio situado à Rua Getúlio Vargas, nº 219 – Centro de propriedade das Irmãs Franciscanas Missionárias de Maria. A rotina das aulas se estabeleceu paulatinamente. Muita paz e harmonia nos primeiros dias. Muitas indagações, questionamentos, todos respondidos com calma e tranquilidade que o Professor Kleber tinha, ele foi à base administrativa para a equipe de Tefé, deu a sua experiência de 30 anos na UFAM e sempre dizia que essa era sua última missão. Reunimos sempre ele, eu, Dos Anjos, Kássia e Larissa. Conseguimos formar uma equipe coesa, cúmplice dos ideais, o sangue verde da UEA corria nas nossas veias.

As aulas transcorreram em harmonia no turno matutino, mas no turno noturno o problema do racionamento de energia interfere sensivelmente, as aulas eram ministradas, noite sim, noite não, causando revolta aos alunos. Era comum vermos lamparinas e velas nos corredores, muitas das vezes estudávamos na luz de lamparina como uma brincadeira do destino, do tempo, da vida mesmo.

Durante o dia se disponibiliza de todos os recessos tecnológicos modernos que vai do projetor multimídia, projetor de opaco, mimeógrafo etc. E à noite voltávamos aos primórdios. Às vezes ficava pensando, filosofando. Na vida não temos tudo que queremos ter, mas na maioria das vezes temos o que precisamos ter é só questão de se adaptar e buscar alternativa. Era necessário naquele momento um

gerador de energia potente, mas como adquirir? Nem tudo podemos ter.

A UEA expandia-se por todo o estado, não podíamos ser privilegiados a ponto de todas as dificuldades serem sanadas. Fazia parte do processo de crescimento. As atividades universitárias, no âmbito administrativo e pedagógico transcorriam com objetivos bem traçados e perseguidos com determinação. A integração da UEA e Comunidade era premente, o espírito inovador de um Centro de Estudos Superiores que pretendia difundir o saber e propor alternativas para a sociedade local; abrindo suas portas e mostrando que a UEA não está em Tefé, más é de Tefé e por isso o nível de satisfação da comunidade é alto e o respeito e admiração por essa casa é grande. Destacamos algumas atividades desenvolvidas que serviram de maior integração entre UEA e a Comunidade de Tefé.

A participação da comunidade acadêmica nesta festa, tinha um grande significado. Foi vencido o 1º período. Alunos de Tefé, Coari, Uarini, Alvarães, Fonte Boa, professores de Manaus, Tefé, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, celebravam em comunhão um objetivo comum alcançado por todos. É realmente, temos que acreditar, a cultura acadêmica se estabelece no nosso meio. Os céticos que tirem a viseira podem olhar e contestar, a universidade é realidade.

Dificuldades encontradas no decorrer do período letivo foram: a falta de energia elétrica causou transtornos, as aulas de informática e o turno noturno, pois de duas em duas horas havia racionamento que na medida do possível foram contornadas as dificuldades com a boa vontade dos alunos e professores. A ansiedade por novas instalações físicas tem nos trazido uma série de preocupações, senão vejamos:

1º - O CEST dispõe de 5 salas de aula, 1 laboratório de informática, biblioteca, sala de professores, secretaria e 1 sala pequena onde funciona a Diretoria e Coordenação juntas.

2º - Com o advento do 3º período, onde os cursos serão separados (Química e Biologia, Matemática e Física, História e Geografia) não dispomos de salas de aula para abrigar os alunos, isso sem falar nas instalações e funcionamento dos laboratórios, uma vez que desde o 1º período, o Curso de Química já se encontra listadas aulas de laboratório que não puderam ser ministradas. Faz-se necessário uma programação urgente para construção de novas instalações, mesmo porque o local, hoje existente, não suportaria qualquer acréscimo de reforma. Um outro agravante é o tempo que temos para que as novas instalações

sejam construídas, pois temos apenas um período letivo como interregno.

O CEST tem o principal entrave que é a falta de prédio próprio, o que contribui para as incertezas ou descrédito, quanto a sua permanência no município. A comunidade vive ansiosa e os alunos inquietos, por razões que descrevemos a seguir:

O laboratório de Informática no turno noturno, não permite aos acadêmicos o uso normal para pesquisas, trabalhos etc. Ele se transformou em sala de aula do Curso de Geografia e da Disciplina Física Fundamental.

Salas de aulas pequenas para (40) alunos o que dificulta a movimentação ou dinâmica dos cursos, principalmente o Normal Superior.

A sala dos professores é muito pequena.

A sala para Coordenação não existe.

A Diretora Prof.a Assunta Castro elaborou documento de pedido de doação de terreno para a construção do prédio ao prefeito Municipal Hélio Bessa. O prefeito prontamente atendeu doando o terreno antes ocupado pela SEMPA¹⁴ – antiga Embratel¹⁵. Logo que a Reitoria foi avisada, o terreno não seria mais o entrave. Agora era só esperar o recurso para início da obra.

Com a ajuda também da prefeitura municipal de Tefé (PMT), conseguimos alugar o prédio de propriedade de Dona Áurea Bessa para instalação dos Laboratórios de Química, Física e Biologia. Mas era preciso uma adaptação, o prédio não era próprio para laboratório; situado a Rua Daniel Servalho. Tínhamos a certeza de que tudo melhoraria com o tempo.

Em 2004, iniciou com a euforia e contentamento de quem vai mudar para casa nova, novo equipamento foi recebido, como exemplo as carteiras universitárias que foram montadas e arrumadas nas salas com um pouco de pressa pois os professores em formação do projeto “PROFORMAR”¹⁶ estudariam, já no novo prédio. Nos meses de janeiro e fevereiro, as duas últimas etapas aconteceram no prédio antes de ser inaugurado oficialmente. Após dois anos e meio estudando na Escola Estadual Frei André da Costa, os professores em formação sentiram o prazer de estudar no Prédio da UEA. Eram comuns os depoimentos sobre esse sonho e a felicidade de

¹⁴ Secretaria de produção e abastecimento

¹⁵ Empresa brasileira de telecomunicações

¹⁶ Programa de formação e valorização de profissionais da educação

maior por serem os primeiros. Na realidade foram eles que inauguraram a nova estrutura da UEA em Tefé.

Quanto a estrutura física do prédio do CEST/UEA, possui 10 salas de aulas devidamente equipadas com cadeiras universitárias acolchoadas, microcomputadores completos, mesa do professor, TV e vídeo, Biblioteca ampla com 5 (cinco) terminais de computador para consultar livros no acervo bibliográfico através do sistema PERGAMUM¹⁷, com mais de 6.000,00 títulos, Laboratório de Informática com 50 (cinquenta) computadores completos e acesso à internet, Laboratório de Química e Física, Laboratório de Biologia, Sala dos professores também informatizada, Secretaria, Diretoria, CPD, Cantina e Reprografia, todos os ambientes climatizados com ar-condicionado de 12.000 e 18.000 BTU^s.

Quantitativos de alunos matriculados na época da inauguração do CEST/UEA.: 145 alunos no curso Normal Superior, 68 no curso de Geografia, 148 no curso de Matemática, 87 no curso de biologia, 136 no curso de Letras, 85 nos cursos de Química e Física, 92 no curso de História, 38 no curso de Ciência Política e 300 no PROFORMAR.

A Universidade do Estado do Amazonas, em Tefé, entrega à sociedade Tefeense 300 professores graduados em Licenciatura Plena – Normal Superior. Número significativo em quantidade e qualidade. Nossa Educação doravante deve mostrar novo panorama, professores qualificados, aptos à bem desenvolverem suas funções de mestres; Mestres das crianças e jovens, aqueles que necessitam ser bem encaminhados na vida, encorajados no amor, na persistência, autoestima, no gosto pelos estudos.

Foi uma iniciativa louvável do governo, no ano 2000 em pensar a Universidade como um espaço burocrático e político, voltando a escolaridade e conseqüentemente a universidade para as áreas interioranas foi de grande apreciação. Freire (1981) apresenta a educação de uma forma diferenciada, em que deve ser voltada a todos, não tendo um foco apenas na elite, muito menos pensando na educação com algo voltado aos grandes centros urbanos. Não romantizando, porém, pois, segundo o relatório transcrito, até chegar atualmente, muito foi feito e conquistado.

Em Tefé, sempre se houve dificuldade com a distribuição de energia elétrica, por vezes, se teve que parar as aulas, dispensar alunos, ou mesmo se privar de aula, justamente

¹⁷ Acervo bibliográfico, arquivístico do MPEG através da versão Móbile.

por não poder comportar em um espaço fechado, um quantitativo grande de alunos, sem um ambiente climatizado de forma adequada, sabendo que o calor e a umidade em uma região tropical tornam quase que impossível uma concentração adequada para os estudos.

Por outro lado, foi em meio às dificuldades e por elas também que muitos adentraram a Universidade, pois sabiam que por meio da educação se poderia ter uma vida com maior qualidade, ressaltando as oportunidades que foram abertas naquele período, os sonhos que foram construídos e as oportunidades que foram geradas.

A Universidade do Estado do Amazonas abriu diversas oportunidades, entre elas, o se reconhecer como ser cultural e político, pois o conhecimento abre um leque de compreensão em sua volta, quantos movimentos foram pensados e concretizados dentro da universidade, havendo um despertar-se como cidadão, com agente formador de opinião. Nessa proposta, a Universidade do Estado do Amazonas teve um papel crucial, pensando na educação popular, na diversidade, na oportunidade de vários fatores em que ao mesmo tempo se ensina, também se aprende, modificando, no sentido educacional, cultural e político vários contextos, locais e regionais.

Na foto em questão (figura 17), o Centro de Estudos Superiores de Tefé já estava instalado no prédio atual, situado à rua Brasília, número 1245, no Bairro de Juruá, na cidade de Tefé, contando apenas com um espaço único. Atualmente, esses espaços passaram por reformas, ampliação e melhorias, beneficiando os acadêmicos que residem no município, seja na Zona Rural ou na Zona Urbana e nos municípios vizinhos que tem a Universidade em Tefé uma opção para o Ensino Superior.

Figura 17: Centro de Estudos Superior de Tefé vista do alto



Fonte: internet

De acordo com Forquin (2003, p. 24) “educar, ensinar, é colocar alguém em presença de certos elementos de cultura a fim de que esse alguém deles se nutram, os incorpore às suas substâncias e construa sua identidade intercultural e pessoal em função deles”. Partindo desse pensamento, pode-se apontar a universidade como um espaço de aprendizado e mudanças constantes, em que se possibilita a desconstrução e construção de novos pensamentos, a soma de novos conhecimentos aqueles que outrora foram tão descriminalizados, marginalizados, diminuídos ou mesmo anulados.

Trazer os agentes tradicionais, homens e mulheres do campo, trabalhadores e trabalhadoras rurais, pescadores, artesãos e artistas, além de oportunizar novos conhecimentos, exaltar nossa cultura e raízes, também nos possibilita um alto conhecimento pessoal e histórico.

A Universidade capacita o aluno a se reconhecer como um agente autônomo, capaz de pensar e gerar conhecimento a partir de seus valores, suas histórias, sua cultura e identidade, além disso, ressalta-se o papel da Universidade de modo social, como formador de profissionais, que irão atuar em diversos lugares, dentre eles, a zona rural, ribeirinha, retratada nesse trabalho, ampliando a esse espaço, o rural, um lugar de construção social e político também.

Santos (2011) propõe uma reforma nas instituições de ensino, totalmente desvinculada da educação “formal”, imposta pelo sistema imperialista global dominante, pautado ainda na educação do período colonial. Esta reforma, sugerida por Boaventura, é ampliada com a ecologia dos saberes, pensando na Universidade como um espaço aberto a outros conhecimentos, o que vem corroborar a ideia desse trabalho, que traz os saberes acadêmicos e tradicionais, como sendo indispensáveis à comunidade Tefeense, em especial as comunidades rurais, que outrora fora tão excluída do processo educacional, que hoje, pode-se dizer, não está liberta e nem isenta de estereótipos e paradigmas que ainda a diminui em comparação a zona urbana.

Ainda citando Santos (2011), que aponta a Universidade Pública e a escola como espaços de acesso, mas sendo um acesso de qualidade, e que essa qualidade não seja encontrada como alguns pensam, nas escolas e Universidades Particulares, sendo um reflexo da falta de infraestrutura e políticas públicas de acesso à educação.

A Universidade, em específico, deve ser um espaço em que se extrai conhecimento, mas um espaço aberto a novos conhecimentos, muito mais no contexto amazônico, rico de cultura e saberes ancestrais, de pluralidades, de saberes que se transponha os muros da universidade, mas que converse com a comunidade, que seja a extensão política comum de todos, em que todos os conhecimentos, saberes e pensamentos conversem entre si, formando diálogos, ideias, mudanças para o coletivo.

Outro ponto a ser discutido, vem a luz com Morin (2003), que faz uma crítica a educação especializada, nesse contexto, a universidade, não deve ser um espaço limitado de pensamento e ideais, mas esteja aberta a novos saberes e a comunidade de uma forma geral, pois no seu espaço podem e devem surgir ideias que se estende positivamente a comunidade, nesse sentido, limitar as áreas a um conhecimento específico é seguir rumo ao erro, visto que vivemos em uma sociedade repleta de pessoas e opiniões diferentes.

A interdisciplinaridade que a Universidade propõe, amplia a diversidade cultural, o léxico ao ensinar, em se tratando de região, trazer os saberes do povo da floresta para dentro da universidade, vai além de ressignificar aos povos, a cultura e história, mas é valorizar nós mesmos como seres humanos, e pode-se dizer que a Universidade do Estado do Amazonas tem contribuído de forma significativa, fazendo rodas de conversa, abrindo seus espaços para discussão e eventos da comunidade de uma forma geral, ressaltando a cultural, o saber tradicional, seja em projetos, seja nos eventos em que os povos ribeirinhos são convidadas a estarem na Universidade, vendendo seus produtos nas feiras para a comunidade acadêmica,

falando de seus produtos, de suas utilidades, que, a cada dia ia se perdendo com o advento da tecnologia, os remédios caseiros, as plantas medicinais, que temos em abundância, mas que, por falta de conhecimento, não sabe-se sequer qual sua finalidade, e a Universidade vem oportunizando esse conhecimento.

Figura 18. Interior do prédio do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST).



Fonte: pesquisadora

Em se tratando do CEST (Centro de Estudos Superior de Tefé), esses 23 anos de oferta educacional, vem ressignificando a vida de muitas pessoas, além de oportunizar para além da qualificação profissional. Hoje, em um novo espaço, mais amplo, com equipamentos mais modernos, com maior acesso à internet, com espaços climatizados, contando com uma infraestrutura mais moderna e mais bem equipada, o CEST vem sendo um espaço de acolhimento, com espaços voltados à comodidade do aluno.

Um exemplo é o espaço recém-inaugurado denominado Rita Eutrópio (professora já falecida, que muito contribuiu para a educação em Tefé), se trata de um espaço para encontro de estudos, que anteriormente era feito na área de lazer comum da Universidade, que além de não ser climatizado, não era favorável aos estudos pelos barulhos dos próprios estudantes e áreas externas.

Na fala da coordenadora de qualidade atual, Monica Dias de Araújo:

De 2020 para cá passamos por um momento de dificuldades devido a pandemia de covid-19, nesse tempo de pandemia, a Universidade como um todo adotou algumas providências em relação a essa afirmativa, para garantir o direito de acessar o conhecimento de alguns estudantes e de modo específico as mulheres também, por exemplo: a distribuição de celulares e de chips, nesse período para cá, em que as aulas passaram a ser no formato online, em que muitas pessoas não tinham acesso a celular e mulheres principalmente e elas puderam acessar esse instrumento para poder acessar o conhecimento e também foi um momento difícil e também nós enfrentamos várias dificuldades que a gente vem observando, pois que quando as mulheres saem de suas comunidades as vezes tem seus filhos né? Algumas têm filhos e não tem com quem deixar e com isso, mais precisamente em 2023, foi ano passado, a gente já vinha observando isso, por exemplo: eu sou professora e dentro das minhas aulas, vejo várias mulheres dentro da sala de aula, elas às vezes não conseguiam se concentrar nas aulas, porque tinham que ficar cuidando dos filhos e aquilo sempre me causava uma certa inquietação e sentia que tinha que fazer alguma coisa, se ouvia dizer que fariam a brinquedoteca, que iriam fazer um laboratório de ludicidade, mas na verdade eu não vi ações concretas para atender de fato as crianças e isso me incomodava e assim que nós, como nova gestão, tivemos a oportunidade ao assumir a gestão em 2023, foi o primeiro projeto encaminhado e de imediato foi aprovado.

Hoje, a gente conta com essa ação afirmativa, o Centro de Estudos Superior de Tefé foi o primeiro centro da Universidade do Estado do Amazonas que levou esse projeto, que foi defendido na câmara de extensão e foi aprovado. Hoje contamos com 6 bolsistas, duas em cada turno, atendendo as crianças, das mães que vem para cá para o CEST e precisam estudar e se concentrar nas aulas, que precisam ter esse apoio durante seu período de estadia no prédio da universidade ou em aula ou no momento em que estão efetuando algum projeto de extensão como: PIBID, PAIC, elas contam com esse apoio e das bolsistas da salinha IANE (sala de acolhimento) para cuidar de seus filhos, então essa foi uma ação que nós tivemos como avanço de 2020 para cá, mais precisamente em 2023. (Entrevista/2024).

Há também outro espaço, pensando nas mulheres discentes, que conta com acolhimento às crianças, filhos das acadêmicas, que não tinham com quem deixar seus filhos para que pudessem estudar. O CEST também possui um auditório, climatizado, aberto ao público acadêmico e à comunidade, além de ser pensado no acesso de pessoas cadeirantes com rampas de acesso, sendo um espaço democrático em que todos possam transitar.

Além disso, a Universidade vem contando com novos laboratórios, biblioteca, auditório, salas de mídias, com miniauditório, com o Restaurante Universitário que é outro ponto favorável aos alunos que residem em outras localidades, e mesmo aos que residem na cidade, trazendo comodidade, conforto e baixo custo financeiro, trazendo acesso e economia aos acadêmicos. Outros projetos estão sendo traçados, com novas parcerias, pensando na melhoria da comunidade acadêmica, refletindo diretamente no desempenho dos alunos e no aprendizado, alvo principal da Universidade do Estado do Amazonas.

Figura 19: Inauguração da Sala de Acolhimento das crianças (IANE), para os filhos dos acadêmicos



fonte: internet

Pensando em permitir a permanência das mulheres na Universidade, políticas foram pensadas pela UEA. A coordenadora de qualidade, Monica Dias de Araújo, nos relatou que:

Nós sabemos que trabalhamos com as diferenças e com toda a diversidade, e nessa diversidade, nós vamos encontrar mulheres com deficiência, mulheres indígenas, mulheres pretas mulheres que são vítimas de violência, mulheres que precisam de um atendimento, que precisam de um acolhimento. Então, alguns colegiados pensando nessas necessidades desenvolvem ações de acolhimento, ações de escuta, algumas professoras e professores têm iniciativas que fazem a gente ter conhecimento de cada caso, são ações que de certo modo são pequenas mas que às vezes fazem a diferença nas vidas dessas pessoas que precisam, principalmente aquelas que precisam ser ouvidas e muitas mulheres já foram encaminhadas para as redes de apoio do sistema de saúde municipal e passam a receber atendimento médico e psicológico por serem vítimas de violência domésticas e na questão da deficiência também a gente tem buscado esse apoio para que elas possam ter não somente o ingresso na universidade, mas a garantia de sua permanência com qualidade, além do sucesso futuro para dar continuidade a sua vida e também, caso seja a sua vontade, dar continuidade aos estudos com sucesso e a estamos encaminhando um projeto de apoio às pessoas indígenas que englobam as mulheres e grupos vulneráveis na questão de desenvolvimento da leitura e da escrita, pois há vezes que chegam com dificuldades.

Esses grupos vulneráveis que englobam mulheres também, sejam elas com deficiências e indígenas, há um levantamento sobre o quantitativo e quais necessidades cada grupo possui. Tem também os estudantes também homens no meio desse grupo porque, como a gente trabalha com educação a gente pensa em todos e em cada um e a gente não frisa especificamente um grupo,

com exceção do clube das manas que é voltada unicamente para as mulheres, todas as demais ações afirmativas aqui dentro, estão abertos a todas as pessoas, mulheres, homens, até a salinha IANE, por exemplo, faz acolhimento aos homens que por vezes são pais separados ou que são cuidadores de seus filhos e que precisam desse acolhimento para manter seus filhos seguros dentro do espaço da Universidade, mas a maioria dos atendimentos da salinha no momento são feita por mulheres, ajudando a todos a concluírem seus cursos, isso sim é pensar em inclusão. (Entrevista/2024).

Além da sala IANE que a gente apoia as crianças, que acolhe tanto as mulheres vindas da comunidade, como as mulheres vindas da zona rural, as de Alvarães e de outras cidades que vem para cá e existe também a casa do estudante que é o espaço de acolhimento e quando não tem lugar para ficar, tem essa disponibilidade em que se concorre ao edital e a professora Rita de Cássia Machado tem um projeto intitulado club das manas que é voltado especificamente para as mulheres de um modo geral que é um projeto específico do CEST/UEA. (Entrevista/2024).

Apenas um ponto, pode ser destacado em discordância por muitos, no que diz respeito a oferta para o interior, trata-se na oferta de novos cursos, ou dos cursos tidos como “de elite”, que ainda assim, fazem com que a universidade seja limitada ao público de Tefé e para quem busca por esses cursos, tem que se deslocar à capital, causando um custo às famílias que têm condições de manter um dos seus em outras cidades, ou mesmo ceifando os sonhos daqueles que não contam com recursos para se manter longe do lar.

As Universidades fundadas no Estado do Amazonas, a princípio, seguiram os formatos pré-estabelecidos. Para Santos, a Universidade segue os princípios de uma racionalidade científica que, “sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas” (SANTOS, 2008, p. 21).

Outra crítica à universidade é que esta, segundo Tragtenberg (1979) vem formando uma pluralidade de pessoas como mão de obra, com a visão voltada apenas para o mercado de trabalho, com intuito de gerar renda e movimentar o capital.

Entretanto, a formação universitária ainda é vista como algo de extrema importância para conseguir progredir a uma etapa maior de aprendizagem, necessária para o desenvolvimento dos indivíduos que buscam por novos conhecimentos e como um meio de tornar as disparidades sociais entre as classes um pouco menor por meio da educação e do trabalho.

O que pode-se dizer é que, até então, a Universidade contava com um modelo de ensino científico e que estava pautado nos ensinamentos e práticas europeias e estadunidenses. Mas, com o passar dos anos, com a presença de povos indígenas, ribeirinhos, pescadores e agricultores dentro da universidade, esta teve que acomodar novas práticas de ensino e pesquisa, integrar conhecimentos tradicionais, pautados em ensinamentos dos povos originários e dos povos de comunidades rurais.

A cultura desses povos, os ribeirinhos, rurais, quilombolas, indígenas, vem sendo estudado e aceito como meios de expressão educacional. Outrora a cultura era disseminada de forma a manter as pessoas em costumes que por vezes aprisionavam, hoje ela é vista como uma ferramenta de liberdade. Essas outras práticas de ensino e de aprendizagem têm sido disseminadas dentro do espaço universitário da Universidade do Estado do Amazonas. Entretanto, para consolidar esse processo, segundo Farias, Silva e Oliveira (2010) “faz-se necessária a formação de recursos humanos locais, que assumam o papel de educadores de sua cultura”.

Essa formação pode tornar o Estado na Amazônia permeável à pluralidade de forças que expressam a diversidade social e cultural da região, o dotando de mecanismos que o façam eficiente como indutor de desenvolvimento para a correção das desigualdades econômicas-sociais. Desta forma, além da formação voltada para a mão de obra que serve ao sistema capitalista, também é possível apontar a educação como uma fonte libertadora, trazendo conhecimento, senso crítico diversificado e poder de escolhas através do conhecimento e da disseminação desse conhecimento.

Para que isso se torne algo concreto, a universidade contribui com uma parcela significativa, pois por meio dela, novos conhecimentos são desenvolvidos e novas trocas de saberes são alcançadas.

III. MULHERES RIBEIRINHAS DE TEFÉ E SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA

No capítulo anterior tratamos do contexto de implantação do CEST-UEA e alguns de seus impactos na sociedade Tefeense em geral. Neste capítulo apresentaremos o papel da formação em nível superior para a vida de mulheres ribeirinhas, interlocutoras desta pesquisa.

Figura 21: Centro de Estudos Superior de Tefé- CEST/UEA.



Fonte: Arquivo CEST

A luta das mulheres por seu espaço não é algo recente. Porém, foi mais recentemente, com a Constituição de 1988, que o direito de igualdade a todos, independente de gênero, cor e raça, foi assegurado formalmente. Ainda assim, a luta das mulheres por conquista de espaço, seja no âmbito social, educacional e outros ainda é muito intensa, visto que a opressão patriarcal ainda está enraizada na nossa sociedade e a mulher ainda é por vezes vista como inferior ao homem, mesmo exercendo a mesma função dentro do mercado de trabalho, por exemplo.

A história da mulher é marcada pela constante luta por direitos iguais e uma constante busca pela conquista de seu espaço na sociedade. Quando usamos o tempo presente para esta afirmação, é porque nos dias atuais a mulher ainda tem a necessidade de se libertar da dominação masculina que impera durante milênios (SCHERER; SANTOS, 2021, p. 56).

Foi apenas a partir de 1870 que as mulheres, por meio de muitas lutas e conquistas, tiveram maior expressividade quanto ao ensino, quando conquistaram o direito de ocupar também um espaço dentro das universidades no Brasil, mediante o decreto 7.247 de 19 de abril de 1879 (conhecido como reforma Leôncio de Carvalho) legalizando a mulher a obter um diploma de ensino superior.

A primeira mulher brasileira a possuir um diploma de Ensino Superior, segundo o INEP (2012), foi Maria Augusta Generoso Estrela, que se graduou em medicina no ano de 1882, nos

Estados Unidos. No ano de 1887, Rita Lobato Velho Lopes se torna a primeira a se graduar no Brasil, na faculdade de Medicina, no Estado da Bahia.

Para tal, foi de suma importância a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino que tinha como representante Bertha Lutz, outra mulher que lutava pelo direito feminino à educação, possibilitando a outras mulheres ocuparem esses espaços que outrora eram designados aos homens.

Segundo a UNESCO (1999), a Federação Brasileira pelo progresso Feminino foi peça chave para a organização de três grandes congressos realizados entre os anos de 1920 a 1930, que reivindicavam a presença das mulheres dentro da academia e a criação de um pavilhão de uso exclusivo para as mulheres, como a casa das universitárias, onde se encontra hoje a atual UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Em 1929 foi criada, com a ajuda da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, a união das Universitárias Femininas, que em 1961 passou a denominar-se Associação Brasileira de Mulheres Universitárias, tendo como presidente Carmem Velasco Portinho, tendo apenas 18 anos, sendo uma das principais vozes pelo direito das mulheres ao voto.

Tais congressos, possibilitaram que mulheres tivessem espaços e direitos garantidos como cidadãos. Por meio de suas lutas, hoje é possível o ingresso de mulheres na Universidade, garantir e conquistar o diploma de ensino superior e ter a garantia de qualificação para o mercado de trabalho, resguardando assim, um espaço à mulher, a qualificação profissional, o empoderamento em poder escolher a qual espaço pertence e deseja ficar, a poder entender e direcionar suas escolhas pessoais, sobre seus corpos, sonhos, metas e sua liberdade.

3.1 A formação acadêmica e os caminhos educacionais percorridos pelas mulheres em Tefé.

A trajetória da educação formal em Tefé se deu com a vinda dos religiosos que chegaram trazendo consigo o desejo de catequizar os nativos que aqui viviam, sendo o ensino voltado primeiramente aos homens.

Ao sexo feminino cabia, em geral, a educação primária, como forte conteúdo moral e social, dirigido ao fortalecimento do papel da mulher como mãe e esposa. A educação secundária feminina ficava restrita, em grande medida, ao magistério, isto é, a formação de professoras para os cursos primários. As mulheres continuavam excluídas dos graus mais elevados de instrução no século XIX. (Beltrão, Alves, 2009, p.128).

As mulheres, até então, poderiam frequentar a escola, porém, de forma muito restrita, mesmo que em Tefé já houvesse escolas com níveis mais avançados de ensino. Isso ao longo

dos tempos foi se modificando, com a vinda de novas instituições de ensino, abrindo novos espaços para o recebimento de mulheres, primeiro de forma separatista, em que homens e mulheres não pudessem frequentar o mesmo ambiente e compartilharem de uma educação mais igualitária.

Schaeken (2014) aponta que a Igreja Católica teve sua contribuição primordial para o processo de formação educacional das mulheres em Tefé, abrindo novas escolas e ofertando o ensino à comunidade geral. As primeiras instituições de ensino em Tefé foram: Seminário São José, com ensino religioso voltado para os rapazes e no centro eclesiástico Espírito Santo, na comunidade da Missão (figura 21).

Para o ensino infantil e religioso, a Escola Estadual Eduardo Ribeiro, a Escola Estadual Frei André da Costa, a Escola Estadual São José e a Escola Estadual Santa Thereza, de grande importância histórica e social ao Município de Tefé, pois estas abriram as portas para que as mulheres pudessem ser alfabetizadas.

Figura 21: Comunidade da Missão, no Lago de Tefé, onde a igreja Católica iniciou seus trabalhos religiosos e educacionais no município de Tefé.



Fonte: Internet

Outro grande colaborador para o ensino na cidade de Tefé foi o Movimento de Educação de Base (MEB), fundado em 1961, vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o qual realizou ações diretas de educação popular em diversas regiões do norte e nordeste, cuja opção por essas duas áreas geográficas se deram devido aos indicadores

socioeconômicos que revelaram uma grande situação de pobreza. O intuito do MEB foi “contribuir para a promoção humana integral e a superação da desigualdade social por meios de programas de educação popular libertadora ao longo da vida” (Rodrigues, 2013, p. 12).

O projeto RONDON em conjunto com a Universidade Federal de Juiz de Fora, contribuíram de forma ímpar para o desenvolvimento da educação em Tefé, sendo a primeira instituição de Ensino Superior a chegar em Tefé, formando os primeiros professores graduados e, alguns deles, sendo os primeiros docentes da atual Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Ensino Superior de Tefé.

Outras instituições de ensino primordiais para o desenvolvimento educacional no município de Tefé, foram outras escolas que foram inauguradas de acordo com o desenvolvimento da cidade e da demanda de alunos, tendo como responsáveis as Secretarias Estaduais de Educação (SEDUC) e Secretaria Municipal de Educação, hoje vinculada à Secretaria de Cultura e Esportes (SEMEC), oportunizando a todos e todas uma educação de qualidade.

Salatiel (2017) afirma que nossa sociedade ainda é dominada pelo patriarcalismo, que ainda inferioriza as mulheres em diversos espaços, entre eles, no mercado de trabalho, onde mesmo que desempenhem a mesma função, homens e mulheres são remunerados de forma diferente.

Entende-se que muito foi feito, e que de certo modo, há um poder maior de escolha por parte das mulheres, como por exemplo: o voto, métodos contraceptivos que asseguram a mulher, de forma gratuita pelo SUS, a escolha de ser ou não mãe, e mais recentemente a oportunidade de poder fazer uma laqueadura sem a permissão do parceiro. Muitas dessas lutas vieram por movimentos feministas que garantiram esses direitos, além de nos oportunizar adentrar a Universidade.

Entretanto, muitas mulheres ainda são sujeitas a determinadas situações de violência, sejam elas simbólicas ou físicas, pelo fato de depender de seu cônjuge ou de outra pessoa ou grupo apenas por não saber o seu direito, por ter uma dependência emocional, por questões religiosas, por terem sido ensinadas que o seu parceiro ou outro homem de sua convivência tem maior poder de comando.

No meio educacional, dentro da Universidade, a mulher é de certa forma, levada a optar por cursos acadêmicos que, teoricamente, são “voltado para as mulheres”, em geral, nas áreas de humanas, uma vez que:

As preferências quanto a escolha dos cursos foi constituída ao longo do processo de escolarização dos sujeitos femininos e masculinos, dando origem a áreas demarcadas como mais “feminina” como as áreas de ciências

humanas e a maior parte dos cursos de saúde, ou mais “masculina” como aqueles das áreas das ciências exatas e carreira tecnológicas. (Ávila; Portes, 2009, p.95).

Os autores apontam essa diferença na escolha das áreas que ambos os gêneros deveriam seguir, limitando por vezes as ambições e aspirações por cursos que os alunos desejam ingressar. Embora a presença da mulher no ensino superior tenha aumentado significativamente nas últimas décadas no Brasil e no mundo, nota-se que a permanência dessa mulher dentro da universidade ainda corresponde aos cursos designados para o gênero feminino. Nossas interlocutoras, por exemplo, ‘optaram’ pelo curso de Letras, exatamente porque viram que o currículo não continha nada de matemática.

A formação em Letras, quando eu fui fazer minha inscrição eu fiquei em dúvida, entre Pedagogia e Letras, mas aí quando li e vi que tinha matemática na pedagogia, eu não quis muito não porque eu não sou muito boa nisso, então eu optei por fazer Letras. (Entrevistas/2023)

Ainda assim, apesar dessa presença ser bastante expressiva, ainda há um alto índice de evasão, pelos seguintes fatores: a falta de políticas públicas que assegurem a permanência da mulher no espaço acadêmico, a falta de apoio familiar, pois um dos fatores que se pode apontar, é que essas mulheres que buscam por formação acadêmica são mães e requerem uma rede de apoio para permanecer no curso até o final, em que se sintam seguras para estudar, sabendo que seus filhos estão em segurança.

Muitas mulheres deixam o curso superior justamente por não ter um espaço seguro para seus filhos ficarem enquanto estudam ou algumas tendem a optar por trabalhar ao estudar para garantir o sustento do lar.

Uma vez feita a opção pela carreira científica, a mulher se depara com o conflito da maternidade, da atenção e obrigação com a família, visto as exigências da vida acadêmica. Algumas sucumbem e optam pela família, outras, pela academia, e um número pequeno decide combinar as duas. Sobre essa última, não é necessário dizer quanto tem que se desdobrar para dar conta não apenas das tarefas múltiplas, mas também para conviver com a consciência duplamente culposa: por não se dedicar mais aos filhos e por não ser tão produtiva quanto se esperaria (ou gostaria). (Velho, 2006, p. 15).

A mulher, por já ter esse peso sobre si, ou seja, a obrigação de cuidar do lar, de educar e dar o suporte que os filhos exigem, ou mesmo ser ela a única fonte de renda de seu lar e de seus filhos ou outros familiares, e quase sempre, em nome dessa responsabilidade, acaba por desistir de muitos sonhos, entre eles, o da graduação.

Além disso, as mulheres que permanecem no meio acadêmico, por levar consigo esse fardo, acabam com sentimento de culpa, em se sentir ausente, indisponível por determinados

momentos, sem poder acompanhar o crescimento dos filhos, por não ser presente como gostaria na sua família e no ambiente familiar, fazendo com que essa culpa seja um dos motivos da desistência de sua formação acadêmica.

Por outro lado, vale ressaltar que a formação acadêmica oportuniza a mulher a estar apta ao mercado de trabalho, abre novas oportunidades, traz novos conhecimentos, sobre direitos e cidadania. Além disso, a segurança de poder escolher o espaço em que irá trabalhar ou mesmo perceberá, dentro da academia, novas oportunidades.

3.2 Caminhos e trajetórias: da infância no roçado à universidade, da enxada à caneta.

A vida no meio rural não é fácil. Para as mulheres, em especial. Mas sabe-se que as mulheres desempenham um papel importantíssimo em sua comunidade, na organização e estrutura das divisões do trabalho e na produção, preparo, cultivo e venda dos produtos frutos de suas terras, movimentando a economia e gerando renda a comunidade de uma forma geral. Além disso, assumem a responsabilidade de manter e resguardar o bem-estar de sua família, pois através de seu trabalho e dos demais que compõem sua família que se pode ter comida na mesa, filhos na escola, comodidades dentro do seu lar.

Essas mulheres mostram que a vida no campo, apesar do trabalho ser compensador para manter seus filhos, é de igual maneira discriminado, e muitas delas veem na educação um meio de mudança de vida. Estudar já é um ato revolucionário, pois até então, muitas de suas antepassadas sequer tiveram essa oportunidade, outras foram impulsionadas justamente pelo histórico de seus pais e avós, de não ter oportunidade de estudos e hoje, contudo, se é possível estudar, como podemos perceber na fala da interlocutora G. P. O.:

A gente sabe que tem essas dificuldades, na parte econômica [...], nem sempre nossos pais poderiam dar tudo o que a gente queria, mas por outro lado, fomos criados em um lar com muito amor, com muito carinho por parte dos meus pais. A parte escolar, por eles não terem muito estudos, eles nunca chegaram a ser os grandes influenciadores da minha trajetória escolar, até a academia, mas eles me repassaram muitos valores que fizeram e impulsionaram, na verdade, eu querer, entender a educação como algo que poderia mudar minha vida. (Entrevista/2023).

A interlocutora I. C. S. R., resalta em sua fala as dificuldades enfrentadas no período escolar:

Minha infância não foi muito fácil, a gente quase não parava, ficava sempre na roça, ia pra roça, ia para a escola, então foi uma infância muito batalhada, porque a gente trabalhava muito, assim como a gente estudava, a gente

trabalhava, aí a gente não tinha muita dedicação ao estudo, isso prejudicou o início, pois basicamente fazíamos o mesmo trabalho, o que um adulto fazia, nós também fazíamos. (entrevista/ 2023).

Nas zonas rurais, é possível ver a participação de todos nos trabalhos, desde o roçado aos afazeres domésticos, pois se sabe que o trabalho é uma responsabilidade coletiva, ao contrário da zona urbana que em geral, os pais trabalham e os filhos têm apenas o dever de ir à escola e fazer algumas tarefas domésticas, já mostrando, por essa ótica, as diferenças entre a zona rural e urbana.

Muitas dessas crianças, na zona rural, não iniciam seus estudos nos processos educacionais entre creche e pré-escola, como se pode perceber na fala da interlocutora R. S. M.:

Minha infância, na escola eu comecei a estudar com 9 anos, fui para a alfabetização na época, não fui para creche, pré II, nem nada, comecei a estudar com 9 anos a alfabetização, já grande, antes de estudar, morava no sítio com minha mãe no interior[...], por isso não comecei a estudar cedo. Sempre ajudei ela a colher as verduras, as plantas delas, limões e a vender. [...], comecei a ler e escrever com 9 anos já, partindo para os 10. (entrevista/2023).

Na fala da interlocutora, é possível notar o quão difícil foi seu processo educativo no meio rural, pois ao passo que ela poderia estar usufruindo da escola e das oportunidades de aprendizado que esta oferece, ela tinha que estar no roçado, trabalhando e colaborando para o sustento de seu lar.

As pessoas da zona rural e ribeirinha têm a obrigação de trabalhar, independentemente da idade, ocupando-se ao trabalho, seja ele de forma mais branda ou pesada, para garantir o seu sustento. A grande maioria dos moradores destas comunidades, foram inseridos no mundo do trabalho muito cedo e isso refletiu no tempo de estudo e dedicação ao mesmo, provocando um atraso no desenvolvimento escolar, ou mesmo na desistência de muitos.

No caso das mulheres, muitas têm dificuldade em estudar ou retomar os estudos deixado de lado por motivos pessoais, enfrentando desafios para conciliar os estudos, trabalho e afazeres domésticos (Lima, Wiese, Haracemic, 2021). Esse é o caso das nossas interlocutoras. Segundo I. C. S. R.:

Aos 18 anos, engravidei da primeira filha, eu parei meus estudos por 8 anos, depois continuei depois de um bom tempo parada, continuei novamente o ensino médio, parei no ensino médio, por um período, aí que fui à universidade. E a vida na comunidade sempre foi com muita luta, minha vida era trabalhar em roça, aí em 2006, passei para serviços gerais na escola do Bacuri, que é a escola Bom Jesus do Bacuri, escola municipal e, graças a Deus, com a faculdade, comecei a cursar a faculdade em 2016 eu consegui

minha graduação em 2020 é que foi melhorar um pouco mais minha vida na questão financeira e na minha família na questão do sustento.

Eu tive minha filha muito cedo, minha filha eu a tive com dezesseis anos. Eu tive que aprender a lidar com a gravidez, lidar com o papel de mãe (Entrevista/2023).

Assim, pode-se dizer que políticas públicas que facilitem o ingresso e permanência dos alunos em sala de aula ainda são pouco eficazes, não somente na questão de gênero, ponto trabalhado nessa pesquisa, mas na garantia de oportunidades laborais diferenciadas entre pessoas de áreas rurais e áreas urbanas.

Muitas vezes eu pensei até em desistir, porque tinha que acordar muito cedo, aí dependendo muito de como estava o rio, se estava mais cheio era mais fácil, mas quando era seco tinha que levantar cedo, enfrentar a lama na praia, enfrentar aquele estirão de praia pra chegar lá na cidade. Chegava na cidade, nem sempre a gente tinha dinheiro para a condução, tinha que ir a pé do porto até a universidade. Quando a gente lida com roça, nem sempre a gente tem tanto dinheiro para estar gastando com outras coisas, a não ser no nosso alimento mesmo. E outra que eu tive que ficar muito tempo longe dos meus filhos, longe de minha casa e era muito difícil, e nem sempre eu podia tirar um momento para ir a alguma reunião que era preciso para meus filhos, às vezes meu esposo ia, mas as vezes ele tinha que ir trabalhar também e isso foi muito difícil. Mas assim nessa questão financeira mesmo, e a gente não tinha muito apoio, porque por mais que a gente recebesse o bolsa família, a gente tinha que comprar as coisas para a casa. Na universidade eu me sustentava basicamente com as bolsas que tinham, porque eu fiz PIBID, fiz Residência Pedagógica e tudo isso me ajudou um pouco a ter uma condiçãozinha e ter um dinheirinho também, mas fora isso, tudo foi muito difícil.

Eu tive dificuldade, até porque eu tinha que me acordar muito cedo, às vezes eu não tinha tempo para dormir, não tinha tempo para me alimentar direito e ainda tinha que voltar para trabalhar. A faculdade que todo mundo sabe que é muito puxado, são muitos trabalhos, então foi uma dificuldade que eu tentava ver com os olhos de esperança que eu ia conseguir e eu sempre via as dificuldades que eu tinha lá dentro, eu sempre buscava ver coisas boas dentro delas, para me dar forças, para eu não desistir.

Dificuldades são muitas, mas assim, vamos lembrar das mais difíceis, questão financeira, durante a faculdade, que só apenas estudei, vivi de bolsa, de bolsas, para me manter, primeiro que não tinha notebook, então as bolsas me ajudaram bastante, graças a Deus, porque se não tivesse bolsa na universidade... (Entrevista/2023).

Ainda que reconheçamos muitos avanços em termos das políticas educacionais para o campo, que se evidenciam na expansão e em mudanças quanto ao atendimento nos diversos níveis de ensino, estamos muito distantes de assegurar a universalização da Educação Básica aos sujeitos do campo, bem como de superar o quadro de acentuada desigualdade educacional, marcado por uma situação ainda precária em relação a permanência e aprendizagem dos estudantes nas escolas do campo. (HAGE, 2014, p.171)

Além disso, é notório, por conta das condições de trabalho e alfabetização que a grande maioria não participa de programas que salvaguardam seu futuro, como uma aposentadoria com maior rentabilidade, por exemplo, resultando em uma aposentadoria rural, que equivale a um salário-mínimo, o que, por vezes, não é suficiente para garantir uma velhice tranquila, até porque, pela qualidade e quantidade de trabalho, muitos têm uma velhice adoecida.

3.3 Aprendizados: Da terra para a vida

O ensino no meio rural, aqui neste trabalho denominado como ribeirinho, aponta que as políticas públicas voltadas a essa zona são muito limitadas. Pode-se citar como um meio dificultador desses avanços na educação o acesso geográfico das áreas rurais, visto que boa parte das comunidades fica em áreas distantes da cidade e seu acesso, em sua grande maioria, é por via fluvial e dependendo do período do ano, o acesso é ainda mais difícil, devido às grandes secas que acometem na região do município de Tefé.

Figura 22: Imagem da seca do ano de 2023 ocorrida no município de Tefé.



Fonte: internet

Do mesmo modo, o ensino das pessoas do meio rural vai além do ofertado dentro de uma sala de aula. No meio rural se aprende ao lidar com a terra, com as plantas, com os animais, com as adversidades climáticas, a se preparar para o período de escassez, ou mesmo o que fazer quando a enchente vem com um volume de água maior que o esperado, a lidar

com trabalhos artesanais como: o produzir a farinha, o tipiti, o paneiro, os potes de barro, as bio-jóias, a lidar em comunidade e com as singularidades que cada espaço requer.

Além disso, a visão de mundo das pessoas que moram em comunidade muitas vezes é voltada para o coletivo, o que diferencia uma professora ribeirinha que leciona em uma comunidade, de uma professora de centros urbanos que vai lecionar em comunidades do interior. Conforme nos diz, G.P.O., uma das entrevistadas, quando pergunta o que aprendeu da vivência na comunidade:

Me entender como uma pessoa que nunca vai fazer nada sozinha, que sempre vai precisar do outro, como já falei anteriormente, lá (comunidade) é o ambiente onde as pessoas, elas se unem por um propósito, elas desenvolvem aquele trabalho, até atingir aquele objetivo, outrora traçado, e eles são assim lá, todos são assim, a gente vê aquele trabalho consistente, quando a gente vê eles aliando forças, eles trabalhando mesmo, um ajudando o outro. Então, o principal aprendizado que eu posso dizer é que a gente não consegue nada sozinho, que a gente não vai a lugar nenhum sozinho e que eu, querendo ou não, por mais que eu, tem pessoas que não goste, que dizem que é: ah, eu sou independente, que sou autônoma, que tenho autonomia para isso ou propriedade para isso, mas eu acredito que é um cilada pensar assim, porque eu sempre vou precisar do outro e o outro vai precisar de mim, aí se eu estou disposta a ajudar ele ou ser ajudada por ele, é uma questão de muita maturidade e humildade, porque acredito que nem todo mundo tem esse pensamento de dizer, abrir a boca e dizer que precisa do outro e eu falo que algo que aprendi muito é que eu preciso do outro. (Entrevista/2023).

O aprendizado dessas pessoas que vivem em comunidades rurais, acredita-se que muitos comungam da mesma visão é sobre a solidariedade e fraternidade, é o partilhar, ajudar aos seus pares e criar vínculos para o desenvolvimento humano e espacial de cada localidade. Esse pensamento também é compartilhado por I. C. R. quando fala que:

Aprendi sobre a importância de trabalhar dentro da comunidade e fazer um trabalho bom, com as pessoas, porque muitas que às vezes iam trabalhar lá, eles não valorizam as pessoas e nem as crianças e só iam pelo dinheiro e ter a oportunidade de estar trabalhando dentro da comunidade, né? Porque é um aprendizado muito grande na minha vida, porque eu posso fazer a diferença dentro da escola de onde eu nasci, tratando bem as pessoas, fazendo um bom trabalho e esse é um aprendizado que eu trago desde a minha infância, porque minha mãe sempre foi assim também, professora, e ela sempre lutou muito pela comunidade, para valorizar a pessoas de lá. (Entrevista/2023)

Outro ponto perceptível foi o fato dos comunitários se sentirem mais valorizados por membros de sua comunidade, conforme relatou a interlocutora, muitos que vinham de fora da comunidade estavam ali com o intuito apenas de ganho financeiro, não acrescentando significativamente a rotina dos comunitários, já os pertencentes dali, tem o prazer em trabalhar, aprender e ensinar, pois sabem que estão fazendo em benefício do coletivo.

A educação é um processo que todo ser humano tem que experienciar para seu desenvolvimento humano integral. A educação é apontada como o pilar principal da sociedade, para as mudanças sociais, para a melhoria de qualidade de vida, pois contribui diretamente para a transformação e evolução da humanidade, seja por meio da educação formal ou não formal, que pode ser adquirida em instituição escolar ou no meio do convívio familiar e social.

A primeira experiência de aprendizado se dá no seio familiar e de acordo com o desenvolvimento de cada um é possível adquirir novos aprendizados com elementos ao seu redor, como pode-se citar: comunidade e círculo social, escola, experiências em grupo ou individual.

A interlocutora I. C. R. ressalta o aprendizado adquirido depois de sua formação, já no exercício da docência, como algo que marcou muito sua vida.

A atividades que aprendemos foi trabalhar em comunidade, todo mundo junto. Depois que eu construí minha família, nós fomos trabalhar igualmente, mas sempre buscando ajudar uns aos outros, atividades de trabalhar em equipe dentro da escola, também, fazer projetos na preservação do meio ambiente, fazer projeto dentro da escola com o aprendizado das crianças que estão com dificuldades, isso está sendo muito importante para mim. (Entrevista/2023).

Cada interlocutora aprendeu algo diferente e narra esses aprendizados de forma significativa para si, com um teor de orgulho em suas falas, em aprender sobre os assuntos citados como forma de aprendizagem. A interlocutora G. P. O. nos traz em sua narrativa, o seu ponto de vista e o aprendizado que a si foi mais significante dentro de sua comunidade:

Várias vezes, por exemplo, quanto tem algum evento, quando tem alguma situação que, situações eventuais, como por exemplo: formaturas, ou encontros lá (comunidade), porque lá tem muitas essas questões de encontros, reuniões, que se reuni os povos (de outras comunidades), para os jogos e essas coisas. Então, e como sempre fui aliada aos povos (indígenas que vivem em comunidades próximas), eu nunca tinha visto as várias modalidades que na cidade a gente não encontra. Na cidade se encontra o futebol, o vôlei, o handebol e lá a gente já encontra corrida com tora, subidas no açazeiro, briga de calango, briga de galo, eu nunca tinha visto aqueles esportes. Vi zarabatana, arco e flecha, coisas diferenciadas. Por exemplo, eu aprendi a zarabatana, que é aquele tubo, que se coloca uma flechinha dentro e assopra, até atingir o alvo e quem me ensinou foram os comunitários[...], aprendi sobre os materiais, que se usam bastantes, os materiais da floresta, que se extrai da floresta que se pode utilizar para a subsistência, como os alimentos, moradias, as palhas que se usam para tecer as peneiras, o tipiti, paneiro, tudo é produzido lá, principalmente as biojóias em que a comunidade vem sendo referência de joias, feitas de sementes, caroços, tudo o que a natureza pode proporcionar[...]. (Entrevista/2023).

3.4 A influência da Universidade na formação da mulher ribeirinha

A formação advinda da Universidade, seja ela pública ou privada, proporciona competências e habilidades necessárias não apenas para adentrar o mercado de trabalho, mas conscientizar as pessoas sobre direitos, deveres, seu lugar no mundo, o lugar do outro, além de contribuir para a formação humana individual e coletiva de quem busca a universidade como um mecanismo de ensino dentro da sociedade, não julgando ser o único, todavia.

Através da formação acadêmica, é possível desenvolver maiores capacidades analíticas sobre os contextos sociais ao seu redor, além de preparar, a quem tiver interesse, para o mercado de trabalho dentro de sua área de formação, o que pode impulsionar uma nova carreira e conseqüentemente, movimentar a economia, modificar a sociedade, ofertar maior qualidade de ensino.

A formação acadêmica também interfere na política e sociedade de uma forma direta, pois os novos conhecimentos adquiridos, habilitam o indivíduo a perceber e entender uma nova visão sobre a sociedade de modo geral, interferindo na escolha dos representantes políticos, na forma em que as leis são direcionadas e aplicadas.

Adentrar a universidade e por meio dela receber conteúdos além do ensino pragmático, que visa o mercado de trabalho, é um passo que, de certo modo, muda a vida de quem busca por essa formação, pois se trata de uma escolha que irá influenciar a vida de cada um ao longo de sua trajetória.

Por meio da formação universitária, os indivíduos são instruídos para alcançar novos saberes e novas competências e certas formas esses saberes impactam na sociedade de um modo geral. O que se aprende em sala de aula vai além dos ensinamentos de disciplinas pré-estabelecidas, mas é uma oportunidade de interação, de comunicação, de troca e de ensinar também, além de oportunizar experiências únicas na vida de cada um. As interlocutoras da pesquisa nos falam desse papel da formação acadêmica em nível superior em suas vidas:

A educação ela realmente te liberta de muita coisa, de preconceitos, de paradigmas, de estereótipos, de rótulos, de tudo aquilo que a gente vê, assim, na nossa sociedade atual, assim, eu posso dizer que ela nos liberta, abre nossos olhos, e ela nos faz enxergar potenciais em ti que você mesmo não enxerga, até adentrar a universidade. (Entrevista/2023).

A formação só abriu as portas e oportunidades, me fez conhecer várias pessoas maravilhosas que só fizeram somar na minha vida, de grande importância. (Entrevista/2023).

Me chamam de professora aonde eu vou e isso para mim é gratificante, eu tenho maior prazer de ouvir por onde eu passo, por onde eu vou, as pessoas me chamam de professora e isso pra gente é tão importante porque a gente

sabe que ser professor é mudar a sociedade e isso foi através do meu trabalho, eu posso mudar a vida de muitas pessoas também.
(Entrevista/2023).

Eu acredito na educação. Eu acredito que ela pode mudar vidas porque ela mudou a minha e acredito que nós, como professores, jamais devemos desacreditar porque eu acho que ela que vai impulsionar um pensamento nos nossos jovens, nas crianças, de evolução, de crescimento, de produção de conhecimento, de entender que o conhecimento ele pode ser libertador.
(Entrevista/2023).

Conforme os relatos acima, a educação em nível superior proporcionou às nossas interlocutoras uma transformação em termos de visão de mundo, oportunidade de interação com outras pessoas e até um novo papel social e identidade. Assim, podemos identificar na fala dessas mulheres as dimensões de empoderamento propostas por Stromquist: o desenvolvimento de uma visão crítica da realidade (“porque a partir do momento em que eu entrei na universidade eu pude ver as coisas de uma forma muito diferente”), a dimensão psicológica com um sentimento de autoestima e de auto validação (“a minha formação acadêmica me mostrou que a gente pode ser mais ainda do que a gente pensa”), a dimensão política com a consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar (“porque eu posso fazer a diferença dentro da escola de onde eu nasci”) e a dimensão econômica (“hoje eu tenho bastante oportunidade de emprego”).

Por meio da educação superior, é possível ter um leque de saberes que mostram a nossa importância dentro dos espaços que estamos inseridos, reconhecendo a contribuição social de cada indivíduo para seu meio social e para além dele. A universidade oferta experiências únicas que se estenderão ao longo da vida, reconhecendo o seu valor e tamanho de acordo com cada vivência dos indivíduos, além de contribuir para a sociedade de forma permanente.

O valor da Universidade transcende ao espaço físico, ele se estende porque se une ao espaço social, as necessidades e anseios das pessoas que a ela compõe, ofertando mais que sonhos, realidades e mudanças essenciais para as transformações positivas que buscamos diariamente, mudanças não a curto prazo ou limitadas, mas graduais e que se estendem a toda a comunidade, seja acadêmica ou não.

A Universidade permite sonhar e ir além disso, pois não se busca apenas por um meio de obter um emprego, mas se busca por saber e este, conseqüentemente, agrega a oportunidade das mulheres de se empoderar-se e superar algumas opressões, como as que as retratam historicamente como inferiores, trazendo a essa mulher orgulho de sua trajetória e desejo de buscar sempre mais. No espaço universitário ela pode ser acolhida e terá ali uma rede de apoio

que respalde não somente sua entrada e permanência, mas a educação continuada que se almeja.

Figura 23: Interlocutora chegando à cidade para mais um dia de aula no Centro de Estudos Superior de Tefé CEST/UEA, se utilizando do meio de transporte fluvial.



Fonte: Arquivo Pessoal da interlocutora

A formação permite que os indivíduos ponham em prática o que foi aprendido em outros espaços, transformando o *lócus* em lugares de prática. A educação universitária acompanhará o indivíduo ao longo de seu percurso, mesmo que esse não venha se utilizar de sua diplomação para o mercado de trabalho, por exemplo, mas sempre se lembrará do que aprendeu e das experiências vividas por meio da universidade, dentro e fora do espaço físico da instituição de ensino.

Vemos que a importância da educação também depende do lugar social de cada indivíduo: sua classe, seu gênero, sua raça. Para muitos, a educação é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional. A educação universitária além de oportunizar que o indivíduo acesse o mercado de trabalho, minimiza as dificuldades econômicas de um determinado grupo, o que de certa forma, influencia na economia local, melhorando os níveis de empregabilidade, faz com que os valores e identidade se destaque em cada um, com sua cultura, raízes, grupo social.

Além disso, diversifica as possibilidades de empregos aos estudantes em áreas diversas, fortalece a democracia e os direitos a acesso à educação de qualidade e sobretudo, geram pesquisas e desenvolvem novas descobertas que são de grande relevância para a sociedade. Mas, para que sua função social seja cumprida, se faz necessário que a educação tenha uma base sólida, partindo da base educacional e se estruturando até a universidade.

As condições socioeconômicas, a escolarização anterior das interlocutoras e a inserção em determinados cursos não serão discutidas nesse trabalho, mas são temas plausíveis de uma investigação mais aprofundada. Considera-se que tal análise requer aprofundamento em outras pesquisas que apontem como os fatores econômicos e culturais influenciam nas “escolhas” ou na rejeição por determinados cursos, ou mesmo a oferta da universidade.

A Universidade oferta além de um compilado de disciplinas, uma série de vivências, competências e experiências que, por vezes, vão além do ensino das disciplinas. A universidade é um lugar de oportunidades.

A sociedade e as pessoas que nela vivem a veem como um meio de mudança social, em especial a Universidade Pública, que todos, em teoria, podem ter acesso, independentemente de sua condição financeira, mesmo ainda havendo algumas limitações, por falta de políticas públicas. Segundo a coordenadora de qualidade, Monica Dias de Araújo, apontando o que o CEST vem pensando e oferecendo aos acadêmicos, de forma geral:

Nós contamos com a professora Rita de Cássia Machado, coordenadora do projeto do clube das manas, que trabalha especificamente com questões voltadas para mulheres. O trabalho dela é específico para mulheres, nós, como gestão, não focamos especificamente nas mulheres, mas, nós focamos na inclusão e isso engloba todas as pessoas que tende a ser excluídas do processo educacional por algum motivo e as mulheres, historicamente, são as mais incluídas e em geral, os atendimentos são mais procurados por elas. Nós precisamos alcançar a todos, e os projetos, dentre eles a salinha IANE, que erroneamente muitos pensam que é voltada exclusivamente para as mulheres, mas ela é aberta a todos.

Por isso, pensamos em ações voltadas a atender a todos. É interessante pensar desde as ações afirmativas que envolvem as questões de escuta porque as mulheres às vezes são as maiores vítimas de assédio, de tantas outras formas de violência e sentimos falta dessa necessidade de algo mais específico voltado para esse público, mas pensando na inclusão, tudo é pensado de uma forma coletiva e que beneficie a todos. Foram feitas reuniões com o movimento estudantil e ouvimos algumas sugestões para criar esses grupos de escuta e um em específico para as mulheres e eles estão dando andamento e a gente pediu que eles (movimento estudantil do CEST), colocassem alguém representando os professores que já lute pela causa, no caso a professora Rita para ajudá-las nessas questões de escutas voltadas apenas para as mulheres e quando a gente desenvolve a escuta e a gente não pode oportunizar apenas as mulheres, por isso estamos pensando em todos.

Em síntese, as mulheres veem a Universidade como uma ponte. Por meio de uma boa formação a mulher se qualifica e tem acesso ao mercado de trabalho, além disso, constrói vínculos ao longo de sua permanência no espaço educacional e posterior a ele, estreita o convívio com outras pessoas, promovendo uma interação de saberes entre os saberes acadêmicos com as experiências do seu cotidiano e com as pessoas de sua comunidade.

Todavia, o caminho que levou a mulher hoje a ter uma profissão a partir dos conhecimentos adquiridos na universidade não é fácil, a mulher ribeirinha passa por diversas dificuldades até obter sua formação. Pode-se dizer que muito já foi alcançado, e muito ainda pode ser feito, para garantir o ingresso e a permanência da mulher ribeirinha no espaço acadêmico. Quando a educação é o meio para transformação de vida, aprimorar-se é o primeiro passo a ser dado, segundo ainda a coordenadora de qualidade:

Entrar na graduação, principalmente nós, mulheres, conseguir graduar-se, cursar uma especialização, depois um mestrado e um doutorado são por si só empoderamento e quando a gente entra em uma instituição pública e encontra um apoio para garantir nosso sucesso por meio de vários programas, a gente tem bolsas ou monitoria ou tutoria, ou PAIC, PIBID e Residência Pedagógica, auxílio estudantil, auxílio xerox, tudo isso ajuda a esse empoderamento e está atendendo as mulheres? Sim, mas também está atendendo todas as pessoas que precisam ter esse empoderamento, pois isso é essencial na vida de cada ser humano, de forma particular em nossas vidas. Nós, mulheres, nos empoderamos quando nós buscamos conhecimento e conseguimos dar esse retorno a sociedade e contribui de alguma forma a impactar outras vidas. Então, só o fato de estar na universidade e ter um apoio para permanecer aqui e se empoderar do conhecimento já é uma transformação de vida. (Entrevista/2024).

Entende-se que a educação renova as esperanças, nos dá poder de escolha, nos possibilita novos horizontes e garante uma mudança de vida e, conforme relatos descritos neste trabalho, empodera as mulheres, pois o conhecimento é poder, e isso nada pode retirar, pois não é um bem palpável, mas essencial na vida não somente dessas mulheres, mas das lutas incansáveis que ainda se estendem pelos dias atuais por melhores condições de vida a mulheres em todos os contextos.

Nisso, notamos (figura 24) o quão importante é a convivência e retorno dessa mulher ribeirinha para seu local de origem, por ela, por sua família, por sua comunidade e pelas gerações futuras que verão nela, alguém não de um contexto distante, mas alguém que apesar das adversidades, alcançou sua graduação e com ela novos aprendizado e, a partir de sua formação, emprego com melhor remuneração, oportunidades de dar continuidade a seus estudos e fazer com que outros comunitários pudessem ver que é possível agregar novas oportunidades às suas vidas.

Figura 24. interlocutora em seu espaço de trabalho, gerando um novo ciclo de aprendizado para futuras gerações.



fonte: arquivo pessoal da interlocutora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista tudo que foi retratado, podemos reconhecer o papel da universidade para o processo educacional, reconhecimento sociocultural e humano para essas mulheres que tiveram suas vidas impactadas com seu ingresso na Universidade. É preciso também reconhecer que a universidade tem um papel importante, não somente para as mulheres indicadas neste trabalho, mas para todos aqueles que, desde 2001 tiveram suas vidas transformadas com o acesso à universidade pública.

A Universidade hoje, pode-se dizer que adotou um novo modelo de ensino e prioriza muito mais o contexto a qual ela está inserida, no caso específico, a floresta amazônica, que abraça as histórias de homens e mulheres que aqui residem, que se orgulham de sua história, de seus feitos e das suas conquistas. No meio universitário, vê-se respeitando cada vez mais a singularidade de cada um e especificidades dos que buscam a academia com intuito de buscar por novos saberes e novas experiências, conhecimento trazido dos espaços que os acadêmicos estejam familiarizados.

Nisso, podemos perceber que a universidade não somente oferece ensino, como Freire (2005) sugere, como alguém em que apenas se deposita, que não tem nada que acrescente dentro do espaço universitário, mas espera que os alunos tragam os conhecimentos de suas vivências para o espaço educacional.

O conhecimento transdisciplinar, unindo conhecimentos científicos e saberes tradicionais, proporciona um processo libertador. Sem tal processo, o conhecimento científico e a universidade poderiam oprimir, diminuir os alunos, fazendo pensar que eles não pertencem àquele espaço, ou mesmo que seus saberes de vida, suas experiências, que também são coletivas, não são importantes.

Neste trabalho, vemos uma valorização das mulheres por meio do ingresso à universidade. As mulheres que vivem no meio ribeirinho, que conhecem o trabalho braçal que o roçado requer, que partilham do trajeto difícil de ir a faculdade, das dificuldades que enfrentavam no período acadêmico, dos saberes que seus pais e familiares lhe repassavam, veem o valor da Universidade, que se junta para formar a bagagem histórica de cada mulher retratada nessa pesquisa, e não somente a elas, mas muitas e muitos que comungam de histórias semelhantes e que se tornam importante dentro do processo de construção de saber.

O modo de ensino, em particular no Brasil, ainda vinculam a educação aos interesses e ideologias das classes hegemônicas. Mas devemos reconhecer que também a educação, antes

de apresentar um montante de conhecimentos soltos, permite o entender o comportamento do ser humano, sua cultura e o contexto em que cada um vive.

A diversidade cultural não pode ser descartada, muito menos no ambiente amazônico em que vivemos, que em si já é rico, e menos ainda quando entendemos a educação como um espaço de inclusão, de formação de caráter crítico, de esperança e não de limitações no que diz respeito à produção de conhecimento.

As pessoas que buscam pela universidade não estão para serem moldadas ou limitadas, menos ainda rotuladas como inferiores, por pertencer a um espaço historicamente apagado e diminuído, mas muitas buscam a academia para se entender dentro de seus valores culturais e poder estender esse conhecimento à comunidade a que pertence.

A troca de saber é bem mais proveitosa do que a sobreposição de um saber sobre o outro, pois ambos têm um teor precioso, para a universidade, e para os indivíduos que estão inseridos nelas. Nesse sentido, o saber tradicional trazido das comunidades para o âmbito da universidade, deve ser inserido cada vez mais no ato de ensinar.

A pesquisa buscou analisar sobre as contribuições da Universidade do Estado do Amazonas e como ela foi importante no processo de empoderamento de mulheres ribeirinhas, em especial as retratadas no texto, que tiveram suas vidas transformadas pelo processo educacional.

Além disso, a universidade nos aponta sobre a importância da diversidade de conhecimentos como os advindos de comunidades ribeirinhas e rurais. Estes vêm sendo objeto de estudos, para compreender e valorizar a cultura amazônica, que tanto foi silenciada com a vinda de outros povos e conseqüentemente outras culturas. Esse processo muito serviu para oprimir e limitar as pessoas do interior, causando por décadas essa inferiorização e dessa diferenciação entre seres da zona rural e seres da zona urbana.

Os objetivos traçados nesta pesquisa foram alcançados, pois pode-se perceber o quanto a universidade teve um papel fundamental para a vida das mulheres dessa pesquisa, sabendo que outras mulheres, de outras comunidades, de outras localidades também tiveram a vida transformadas com seu ingresso na Universidade, em que foi oportunizada não somente a oportunidade de alcançar um emprego digno por meio de sua formação, mas do reconhecimento das mesmas em sua comunidade, bem como o beneficiamento da comunidade pois passaram a ter profissionais qualificados, entendedores da realidade rural e que usam do

contexto de sua experiência na academia e de vida no processo de ensino dentro de seu espaço de trabalho.

Outro ponto notório foi o desejo de outras mulheres, pertencentes às comunidades pesquisadas em seguir pelo mesmo caminho das mulheres dessa pesquisa, sabendo que a formação acadêmica, por mais árdua que seja, é algo atingível. Esta questão pode ser estudada em futuras pesquisas, que mostrem o trajeto da juventude das comunidades e as mudanças que foram realizadas.

Podemos dizer que a universidade, como acesso ao aprendizado, pode sanar as demandas das mulheres pesquisadas. Ao mesmo tempo que é, também, um espaço que está se abrindo para os saberes tradicionais e para a ressignificação da forma de ensinar, trazendo o ensino dos conhecimentos tradicionais como um ponto de reflexão muito válido para nosso contexto amazônico, valorizando nossa gente, nossos antepassados e nossa cultura.

REFERÊNCIAS

AIZPURÚA, R. L., JABLONSKI, B., & FÉRES-CARNEIRO, T. **Famílias brasileiras y argentinas: entre La tradicion y la modernidad**. Revista Interamericana de Psicología, 41(3), 189-196 (2007).

ÁVILA, Rebeca Contrera; PORTES, Écio Antônio. **Notas sobre a mulher contemporânea no ensino superior**. Mal-Estar e Sociedade, Barbacena, ano II, n.2, p.91106, jun.2009.

BACELAR, B.V. **A mulher subalterna em “Pode o subalterno falar?” de Gayatri Spivak**. Revista Neri: [S.l.]. v. 2, nº. 2, p. 21-31, 2016. Disponível em: <http://www.faculdedamas.edu.br/revistafd/index.php/neri/article/view/387/371>. Acesso em: 03 fev. 2024.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. **A reversão do Hiato de Gênero na Educação Brasileira do século XXI**. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n.136, p. 125-156, Abril. 2009.

BERTH, Joice. **Empoderamento/ Joice Berth**. - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismo Plurais/ coordenação Djamila Ribeiro).

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern. Porto Alegre: Zouk, 2007.

CARMEM, Silva. **Leitura de resistência: Corpo, violência e poder**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

CASTRO, Amanda Motta. **Estudos Feministas- mulheres e educação popular- 2º volume**. Amanda Motta Castro; Rita de Cássia Fraga Machado (organizadores) – São Paulo: Libera, 2018.

COSTA, Francisco de Assis. **Arranjos produtivos locais e o planejamento regional na Amazônia: Notas sobre as possibilidades de uma nova institucionalidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios/ Manuela Carneiro da Cunha**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

FARIA, Ivani Ferreira de, SILVA, Raimundo Nonato Pereira da, Oliveira, Gilvan Muller de. **Licenciatura indígena, políticas educacionais e desenvolvimento sustentável no Alto Rio Negro**. In: Amaral, José Januário de Oliveira e Leandro, Ederson Lauri (org.) *Amazônia e Cenários indígenas*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

FRAXE, Terezinha de Jesus Pinto. **Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará.

FORQUIN, J.C., **A escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **A concepção “bancária” da educação como instrumento de opressão. Seus pressupostos, suas críticas** (cap. 2). In: __, *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005 (p. 33 a 43)

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. **Transgressão do paradigma da (multi)seriação como referência para a construção da escola pública do campo**. *Educação e Sociedade*, v. 35, p.1165-1182, 2014.

IMBERMÓN, Francisco. **Formação Permanente do Professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; Marconi, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Francisca Vieira; WIESE, Andréia Faxina; HARACEMIV, Sonia Maria Chaves; **As mulheres da EJA: do silenciamento de vozes à escuta humanizadora**. *Rev. FAEEBA- Ed. e Contemp.*, Salvador, v.30, n.63, p. 131-150, jul/set, 2021
MENEGHETTI, A. A. **Psicologia do líder**. 4. Ed. Recanto maestro: Ontopsicologica Editrice, 2008.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: Necrose**. 3ª ed. Tradução de Agenor Soares Santos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

PANZUTTI, Nilce de Penha Migueles. **Mulher rural: eminência oculta**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2006.

RODRIGUES Coelho, L; da Silveira. C. **Educação de jovens e adultos: Movimento de Educação de Base em Tefé, Amazonas (1963-1980)**. Revista de educação popular, v.12, n.1, 25 de jun. 2013.

ROSSINI, Rosa Ester e CALIÓ, Sandra Alves. **Gênero e meio ambiente na Amazônia brasileira**. In: TORNQUIST et alii (org.). Leituras de resistências: Corpo, violência e poder. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

SALATIEL, José Renato. **Pedagogia e comunicação**. 1ºvol. Ed. São Paulo. São Paulo, 2017.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A universidade do século XXI: para uma reforma emancipatória da Universidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as Ciências**. 5º ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

SCHAEKEN, Raimunda Gil, **A educação. Correio da Amazônia, 2014**. Disponível em: <https://correiodaamazonia.com>. Acesso dia 20/07/2020.

SCHERE, Ana Lucia; SANTOS, Rita de Cassia Grecco dos. **O retorno da mulher à sala de aula- Educação de jovens e adultos; desafios/perspectiva, v.3, n.3**. mai/jun, 2021

SCHERER, Elenise. Mosaico Terra-Água: **A Vulnerabilidade Social Ribeirinha na Amazônia – Brasil**. In: VIII Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais; Coimbra, POR. Universidade de Coimbra, 2004.

SCHIENBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência? (tradução de Raul Fiker)**. São Paulo/Bauru: Edusc, 2001.

SCHMINK, Mariane; WOOD, Charles H., **Conflitos Sociais e a Formação da**

Amazônia, 2012. Ed. UFPA,

SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide e MENEZES, Marilda. **Gênero e Geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010.

SILVA, Kerência Fonseca. **Mulher, gênero e política pública: repensando o trabalho feminino no meio rural**. São Paulo: Mimeo, 1999

TRAGTENBERG, Maurício. **A delinquência acadêmica: o poder sem saber e o saber sem poder**. São Paulo: Rumo Gráfica Editora LTDA, 1979.

TORRES, Iraildes Caldas (org.). **O ethos das mulheres da floresta**. /Organização: Iraildes Caldas Torres.- Manaus: Editora Valer/FAPEAM, 2012

VELHO, L. Prefácio. N. SANTOS, L.W; ICHIKAWA, E. Y; CARGANO, D. F. (Org.). **Ciência, tecnologia e gênero: desvelando o feminino na construção do conhecimento**. Londrina: IAPAR, 2006. P. 18-19

VIANNA, Cláudia e UNBERHAUM, Sandra. **Diferenças, desigualdades e conflitos de gêneros nas políticas educacionais: o caso PNE**. In. BRABO, Tânia Suely Antonelli mo. (org.) **Gênero e educação: lutas do passado, conquistas do presente e perspectivas futuras**. São Paulo: ed. Ícone, 2007

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

WOORTMANN, Ellen F. **Diálogos sobre parentesco: Memórias, História e Antropologia**. In.: **XI Seminário Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-brasileiras**. 2011, Novo Hamburgo. Imigração: Diálogos e novas abordagens. 2010, v.1

ANEXO

Íntegra da aula Magna do Governador Amazonino Mendes aos alunos e professores.

A realização de um ideal. O resgate da identidade Amazonense.

“Senhores presentes convidados, Secretário de Estado, esta é uma noite especialíssima, é uma honra estar aqui presente hoje realizando um sonho e que um dia acordou num rasgo de audácia. A criação da Universidade do Estado do Amazonas é uma conquista real. Esta universidade é, sobretudo a tentativa de um resgate de nossa história e de nossa identidade. O sonho de todo jovem é estudar numa universidade de qualidade, lembro-me de minha história, de minha infância, e de meus pais que tinham, pode-se dizer, condições abastadas e que foram morar na cidade de São Paulo e eu aqui ficara casado com meus ideais. A sábia rigidez de meu pai em mandar a família para São Paulo e ao obter a minha recusa fez com que iniciasse o meu primeiro grande aprendizado na vida.

Quando ele me disse: não me peça nada e eu lhe disse, nos meus 17 anos, não pedirei, meu pai. E ao fazer o vestibular para a faculdade lembro-me muito bem, eu não tinha como estudar, eu não tinha livros, aqui por sinal nessa sala tenho companheiros que fizeram vestibular comigo e quantas vezes eu ia estudar sob as luzes dos lampiões lá no *Roadway*¹⁸. Eu e aquela paz, aquela tranquilidade e as águas assistindo silenciosamente a minha busca pelo conhecimento.

Faculdade afinal garantiu que aquele jovem um dia se tornasse governador, e mais, conseguiria esta honrosa condição se não fosse o curso universitário que conseguir concluir. Na época, pouquíssimos cursos eram disponíveis e não havia essas universidades públicas.

Imaginem os senhores a angústia de ser demandado por jovens que solicitavam bolsas para o pagamento de seus estudos, muitos não tinham nenhum meio de pagar. O que fazer? O que será então daquela juventude? E nessas andanças interioranas numa geografia difícil e uma geografia econômica mais difícil ainda, o que fazer com aqueles jovens?

Ano passado estive pela segunda vez em Cuba, já tomei conhecimento da existência de um instituto de estudos médicos

¹⁸ Porto principal da cidade de Manaus, onde atracam embarcações vindas de diversas parte do Brasil e do mundo.

que arrebanhava crianças pobres em toda a América Latina. Eles não estavam preocupados se aqueles jovens estariam preparados ou não para o conforto universitário, o que importava que esses

jovens tivessem coragem para seguir em frente. Elas levam os jovens para estudar gratuitamente numa unidade educacional altamente qualificada onde esses jovens quando formados irão voltar para suas cidades de origem e ali façam serviço social em benefício de sua população e de sua gente. Vejam só isso: Esse país dá o exemplo, eles são capazes de fazer isso e nós não. Existem casos que estas faculdades levam filhas de famílias de sem-terra, numa atitude que muitos chamam de audácia, por isso, estamos igualando esta iniciativa, oferecendo uma universidade que dê condições para todas as pessoas principalmente as do interior.

Estamos estendendo nossas ações para os municípios, principalmente oferecendo cursos com licenças médicas, onde decidimos que mais de 50% das vagas fossem reservadas para os alunos do interior do Estado, por isso nós fizemos uma faculdade especial para todas as pessoas que possuam fome de saber no interior. Esses jovens, todos, poderão estudar em Manaus e aqui terão abrigo, alimentação e todo tipo de assistência, tudo com apenas uma condição: após cumprirem os seus estudos estes jovens que se tornarão adultos terão que voltar às suas cidades de origem, pelo menos por um período razoável e assim dar uma lição de solidariedade humana e uma região carente e que até hoje ainda necessita de cuidados especiais.

Essa universidade teria que vir galopando a esperança do futuro. As vocações de toda uma população erguem-se frente a nossa instituição. Mas afinal quem somos nós e o que seremos se não pensarmos no dia de amanhã, hoje, o resultado será fatalmente que o dia de amanhã será bem mais difícil que o dia de hoje.

A cada dia que passa um convencimento. A política nacional no que diz respeito às regiões brasileiras cada vez mais define, desaparece, e faz com que o mais forte fique sempre por cima do mais fraco plutocrático. Esta realidade claríssima que na nossa visão política o que é mais grave parece que esta situação plutocrática continuará a se agravar. Independe deste ou daquele governo lutar para mudar esta situação. O ensinamento disso tudo é a necessidade imperiosa de começarmos a caminhar com nossos próprios pés. Temos que buscar nossa autossuficiência acreditamos em nós mesmo, que não há caminho mais rápido mais eficaz do que o caminho do conhecimento.

Portanto, é por isso que está universidade, como disse o magnífico reitor, já nasce moderna. Ela é um produto de uma profunda consciência e de uma grande força de vontade de mudar a problemática que vivemos hoje. Nossa universidade foi erguida no tempo recorde de sete meses, é um tempo assombroso.

Ela nasce moderna, extremamente moderna, mais do que moderna ela nasce com alguns compromissos básicos, que é a manutenção de cursos especiais que digam respeito diretamente

ao nosso futuro, às nossas vocações e aos nossos direitos como cidadãos. Estamos colocando aqui todo o esforço humano possível e implantaremos ainda este ano novas unidades em outras regiões do Amazonas, mais do que isso, no percurso das conversas teremos a ousadia de irmos para o interior onde jamais governo algum teve coragem de ir.

Foi um vestibular em que 180 mil jovens concorreram, registramos aqui na nossa terra um grandioso recorde brasileiro, somos um estado humilde, simples e mesmo assim, conferimos esta lição de orgulho a dota a nação brasileira. Eu imagino hoje como se sentem os pais com esta oferta de oportunidade para nossa juventude. Imaginem a mãe do pedreiro a que se referiu o Dr. Lourenço Braga. Lá em Parintins, brevemente, a partir de agora, esse pedreiro já é um acadêmico. Que revolução! O nome disso é revolução! Que mudança, que coisa extraordinária!

Esta caminhada não irá terminar nunca mais. Esse espírito, se tomar conta de nosso Estado, esse espírito irá transformar definitivamente o Estado do Amazonas. Temos que sair de qualquer jeito da condição de dependência de mendicância, de desfavorecidos, para nós transformamos num Estado forte, pujante, feliz e extremamente organizado.

O processo de redenção e resgate da juventude ele deve ir muito além da Universidade. Este processo deve começar e estar dentro das escolas de informática que nós estamos montando. Vai ter que estar nas escolas de inglês que nós estamos montando. Nós queremos que os jovens de Eirunepé¹⁹ saibam falar inglês e conhecimentos básicos em alguns casos avançados em informática. Os senhores podem e devem se perguntar: para quê, por quê? Primeiro porque, através da informática e da internet, com inglês sobretudo, estes jovens terão condições de crescer e um dia construir sua própria universidade. Os jovens se tornarão adultos e terão condições de mudar a vida e o meio onde vivem. Estes jovens serão revolucionários eles vão promover esta mudança, esta transformação. Por isso, nosso papel hoje é importante, pois mudaremos nosso futuro.

Por outro lado, se estes jovens quiserem se empregar em São Paulo, irão conseguir facilmente. Se pegarmos um jornal de

19 Município no interior do Estado do Amazonas, região norte do país, pertencente à microrregião de Juruá e no sudeste do Amazonas

São Paulo nos classificados o caderno de empregos vamos ver várias exigências como o inglês e a informática. Se conseguirmos qualificar nossa juventude nós daremos ao Brasil um Estado e uma região em que as pessoas falam inglês e têm larga experiência em informática. Isso vai significar que os

investimentos também podem ser direcionados para as famílias carentes, desta forma não poderemos deixar de lado os

investimentos no turismo, fazendo que os turistas e visitantes sintam-se em casa, nas diversas áreas de Manaus e outros municípios do Estado. Temos que colocar nossa população falando inglês para que os turistas percebam que estão numa região voltada para o turismo.

Conversando com o ministro da Ciência e da Tecnologia da Índia, que está muito avançada, principalmente no setor de bens de informática, notadamente a produção de softwares, eu perguntei: ministro, seu desenvolvimento sempre foi à proteção a matemática, sendo este o grande fator explicativo desse avanço. Ele me contestou de imediato: não, na Índia nosso maior trunfo é termos aprendido a falar inglês. A nossa redenção, portanto, vai se desenhar através do conhecimento que hoje é uma outra história.

Hoje vivemos um momento, pelo menos para mim, que está sendo um momento tão sonhado, quase um momento inatingível, pois eu começo a descortinar o Amazonas e transformar nosso estado em um Amazonas novo.

Senhores professores que vão ministrar esses cursos, quero pedir a cada de vocês, façam tudo com paixão, não existe obra sem paixão. Por mais aparente bela que seja a obra, tudo precisa de algo, tudo precisa de uma dose certa de emoção. Porque é esta emoção, é esta paixão, que remove os obstáculos. A consciência de que aquele aluno que estará à sua frente ele é um pedaço do futuro, aquele aluno tem que ser analisado examinado e direcionado como se fosse algo da vida do professor. Numa sociedade viva, que é como a que vivemos hoje, o aluno e o professor devem estar unidos por uma única causa que é o seu futuro e o futuro de uma sociedade como um todo.

Estou sentindo que não poderemos perder o espírito revolucionário. Sinto isso na minha velhice, uma espécie de retorno ao modo de agir revolucionário juvenil que me levou inclusive a construir tudo isso. Não sei explicar que tipo de fenômeno, mas nunca senti tanto ímpeto e tanto ardor e tanto vigor como esse espírito revolucionário que existe no peito de tantas pessoas. Obrigado, meu Deus por isso!

Obrigado, meus irmãos, por esta universidade. Deus abençoe a todos”.